ESPECIAL: RETROSPECTIVA 96 + PREVISÕES DELIRANTES PARA 97

SHOWBIZZ

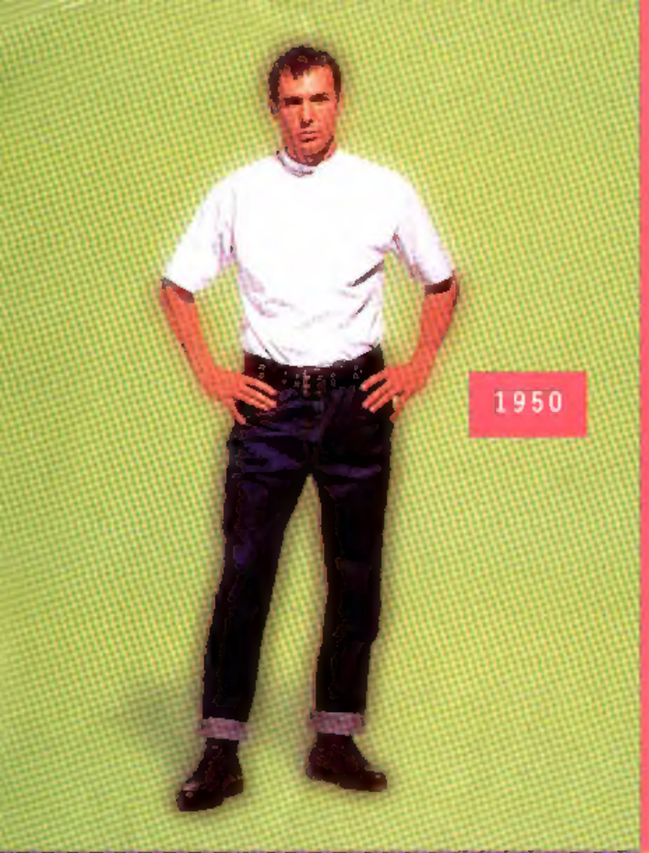
5581-1 • ANO 12 / Nº 12 • DEZEMBRO • EDIÇÃO 137 • R$ 5,00

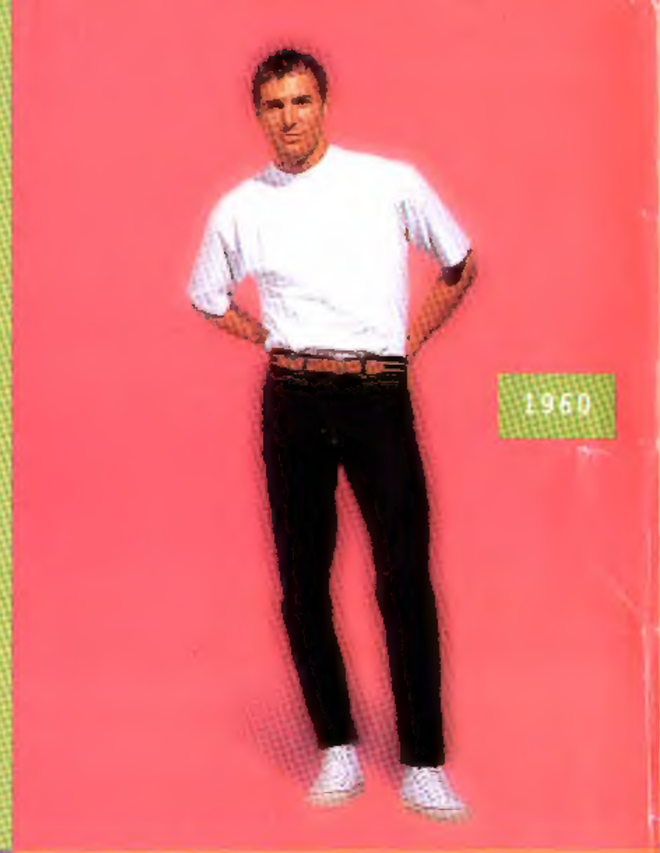
DADO VILLA-LOBOS
EXCLUSIVO:
a vida após a morte de Renato Russo

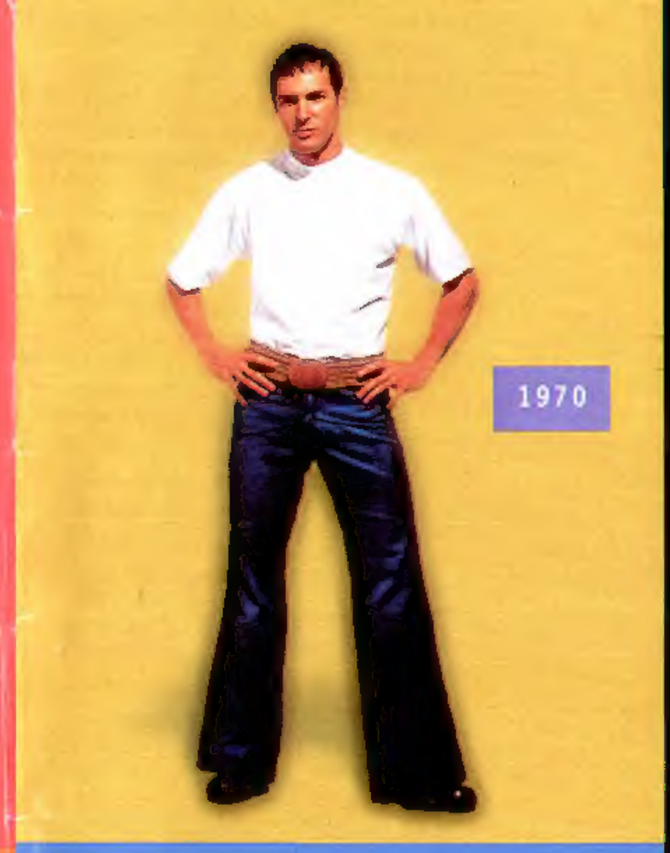
TESTE
você é bom de GUNS'N'ROSES?

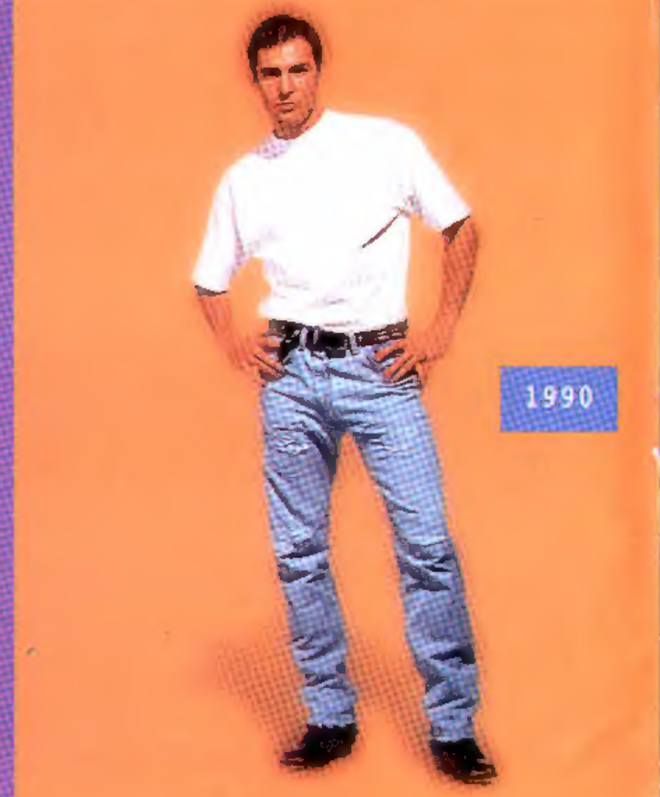
os segredos de ALANIS
"gosto de ser sacaninha"

Raimundos para zoar o seu natal









Compre uma Hering World T-Shirt agora e espere a próxima moda.

Hering

A qualidade dos dois peixinhos.

http://www.hering.com.br

TOPPER STREET, TOPPER DAS STREETS.

Topper Eager

TOPPER
STREET

AMC - Atendimento Master ao Consumidor (9011) 824-0996

PLANET MUSIC

We speak music.

Glub. Quando você mergulha na Planet Music, encontra milhares de espécies diferentes. Algumas respiram reggae. Outras valsa. Algumas respiram bolero. Outras MPB.

Algumas respiram tango. Outras jazz-rock. Mas todas respiram música. Até debaixo d'água. Sempre que você estiver perdendo o fôlego aí no planeta Terra, dê um pulinho aqui na Planet Music.

E respire.

FULL JAZZ

Pauta

30 DADO VILLA-LOBOS
O futuro de um ex-legionário depois da morte de Renato Russo

40 NOVOS BAIANOS
Eles adicionaram tempero rock à MPB e botaram o Brasil de cabeça para baixo

24 ALANIS
Grudamos na cantora em sua passagem vitoriosa pelo Brasil

Robert observa

ON Não é à toa que Raimundos é uma das bandas preferidas dos leitores de SHOWBIZZ. Afinal, identificação é o que não falta entre você e os paraíbas. Pessoalmente, eles são irreverentes, engraçados, sacanas, de bem com a vida... Ok, às vezes são meio grosseiros também, é verdade. Mas quem se importa? Como eles mesmos dizem na reportagem publicada nesta edição, os Raimundos não querem agredir ninguém. E o público sabe disso. Cada vez mais populares, esses feiosos – que, inacreditavelmente, viraram símbolos sexuais (!!!) – estão até herdando os fãs dos Mamonas. Fácil de entender por quê. O negócio dos Raimundos é tirar sarro, dar risada... E, cá pra nós, existe figura melhor do que Papai Noel para fazer isso?

A assumidamente sacaninha Alanis Morissette há de concordar conosco. Ela passou como um furacão pelo Brasil, levando milhares de fãs à loucura. E – oba! – permitiu que SHOWBIZZ ficasse na sua cola durante os seis dias em que esteve por aqui, trabalhando e tomando água de coco. Resultado: gostou tanto do calor tropical que não queria ir embora... Ainda nesta edição, Dado Villa-Lobos, um mês depois da morte de Renato, se abre numa entrevista exclusiva. E o editor Sérgio Martins destrincha histórias dos Novos Baianos, os ídolos de Marisa Monte. Quer mais? Só pedindo ao bom velhinho... Um abraço,

ROBERT HALFOUN

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Cachao Y Su Orquestra – *Descarga Cubana*
Street Jams (coletânea funk da Rhino)
King Crimson – *Lark's Tongues In Aspic*
Luiz Gonzaga – *50 Anos De Chão*
Joni Mitchell – *Hits*
Van Halen – *The Best Of Vol. 1*

20 RAIMUNDOS
O grupo celebra um Natal roqueiro e começa a herdar o público dos Mamonas

BJÖRK 34
A cantora islandesa em temporada divina no Brasil

36 RETROSPECTIVA
Os fatos mais marcantes de 1996, o ano em que perdemos Mamonas e Renato Russo

48 VAN HALEN
Eddie lava a roupa suja em público e ataca seus ex-vocalistas

SEMPRE EM SHOWBIZZ

12 CANAL BIZZ
O adeus dos fãs a Renato Russo

15 BIZZES
Hype!, documentário que explica Seattle; o novo papel de Bon Jovi; os sobrinhos de Michael Jackson...

32 CAROLINA SÁ
A deusa da moda da MTV e musa do clip "La Bella Luna", dos Paralamas, em belo ensaio fotográfico

56 MTV EM OFF
George Michael quebra silêncio de três anos em entrevista exclusiva à emissora

58 ONZE PERGUNTAS
Os novos planos de vida de Gilberto Gil: disco no ano que vem e um especial na rede a cabo HBO

62 PLAY
Marisa Monte, Madonna, Pet Shop Boys, Alice In Chains...

70 REPLAY
Rock progressivo ganha *box set* de respeito

78 LETRAS TRADUZIDAS
"Pale Blue Eyes", de Lou Reed

80 ENJOY IT
Os acessórios ideais para você tornar-se um DJ

84 TESTE
Calibre a sua memória numa sabatina sobre Guns N' Roses

94 + BIZZES
O site de Cazuza na Internet e as músicas que vão chacoalhar o seu verão

98 DISCOTECA BÁSICA
A bela estréia solo de Eric Clapton

FOTO CAPA: ART DIESENDRUCK

Stamp Rockwear

EXCLUSIVO NO BRASIL
PRODUTOS OFICIAIS
FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS
PELAS BANDAS
ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

RECEBA PELO CORREIO
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL.

PAGUE AO RETIRAR

DESCONTO ESPECIAL PARA REVENDEDORES
SOLICITE INFORMAÇÕES POR CARTA OU TELEFONE

TEL.: (011) 299.7478

ATENÇÃO: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

TS 200
IRON MAIDEN

TS 201
DOORS

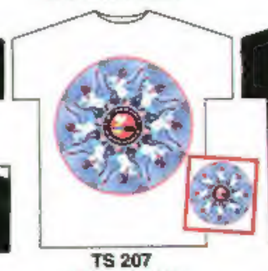
TS 202
LED ZEPPELIN

TS 203
RAMONES

TS 204
PINK FLOYD

TS 205
PANTERA

TS 206
DOORS


TS 207
JIMI HENDRIX

TS 208
IRON MAIDEN

TS 209
LED ZEPPELIN

TS 210
PANTERA

TS 211
DOORS

TS 235
MADONNA

TS 213
DOORS

TS 214
IRON MAIDEN

TS 215
RAMONES

TS 216
LED ZEPPELIN

TS 217
DOORS

TS 218
IRON MAIDEN

TS 219
BIOHAZARD

TS 220
DREAM THEATER

TS 221
PRIMUS

TS 222
HOLE

TS 236
BIOHAZARD

TS 224
MADONNA

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE WINTERLAND PRODUCTIONS. EXCETO "SEPULTURA" SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE BLUE GRAPE.

TS 225
DOORS

TS 226
RAMONES

TS 227
PINK FLOYD

TS 228
LED ZEPPELIN

TS 229
DOORS

TS 237
PANTERA

TS 231
LED ZEPPELIN

TS 232
DOORS

TS 233
LED ZEPPELIN

TS 234
BEASTIE BOYS

TS 238
SEPULTURA

TS 239
SEPULTURA

TS 240
SEPULTURA

TS 241
SEPULTURA

R$ 22,00
CADA CAMISETA

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

LOJAS STAMP:
AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222.9984 - GAL. ROCK.
RUA 24 DE MAIO, 116 - TÉRREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222.7015

RIO DE JANEIRO: REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
ROCK'N'ROLL AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1ºPISO- B. DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU COPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022.051 - SÃO PAULO/SP

- NOME: _____
- END: _____
- CEP: _____ CIDADE: _____ EST: ___
- TEL: _____ ASSINATURA: _____

REF:	TAM:	REF:	TAM:	REF:	TAM:

VALOR TOTAL: R$ _____ + FRETE

Canal Bizz

Renato Russo hoje, na visão do baiano Sandro Farias

sempre Renatíssimo

Fãs continuam desolados com a morte do ídolo Renato Russo

Estou sem ouvir o Legião há um tempão... A dor ainda é muito forte. Neste momento continuo chorando a perda do nosso querido Renato Russo. Vai em anexo *(o desenho à esquerda)*, um presente para os fãs da Legião.
Sandro Farias - Salvador, BA

Renato deixou esse mundo para virar mito. Comparo o nosso ídolo a Jim Morrison. Ambos tinham uma mesma visão da vida e da dor. Resumo seus pensamentos numa frase dita por Jim: "A dor só acaba com a morte. Infelizmente é assim."
Marisa Paula de Araújo – São Paulo, SP

Confesso que sempre fui um severo crítico do conteúdo dito "poético" de algumas letras de Renato Russo e do título de messias atribuído a ele pela juventude. No entanto, a notícia de que Renato estava morto me causou uma sensação de perda. Só aí percebi que, ainda que criticasse as letras de Renato, elas já eram parte da minha vida. Pra variar, a gente só dá o devido valor a alguma coisa quando a perde.
Daniel Dias Goi – São Paulo, SP

Tive a oportunidade de compartilhar um pouco do tempo de Renato. Ele sempre foi de uma simplicidade e doçura insuperáveis ao lidar com seus fãs. Como a minha, são muitas as histórias de jovens que foram recebidos por Renato em sua própria casa, gastando tardes como se fossem desconhecidos. Não acredito que Renato se foi... Não consigo.
Luciana Brandão – Niterói, RJ

Apesar de só ter 19 anos, sei que Renato Russo conseguiu fazer o máximo: ser eterno. Tenho certeza de que Renatíssimo está ao lado de poetas e anjos, assim como o Cazuza...
Denise Lopes – Gravataí, RS

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h.
Este é o seu canal na SHOWBIZZ.
Sugestões, críticas, dúvidas...

Edmildo numa tietagem praieira com o Gordo

JOÃO GORDO é animal

Depois que tirei essa foto aí *(à esquerda)* com o João Gordo, ele quase me deu uma porrada. Só porque eu perguntei se o Ratos de Porão tinha virado banda comercial. E ele: "Claro que sim! O que é que tem, porra? Você tem alguma coisa contra dinheiro?"
Edmildo Freitas - Simões Filho, BA
Ô baiano, não leve a resposta do Gordo a sério... É claro que o R.D.P. não virou uma banda comercial. O João provavelmente estava te sacaneando.

Leonardo é o fofão do meio na almôndega ética

PENSADOR DO MÊS

"Dizem que a cachaça não leva ninguém a nada. Será por isso que não achamos o caminho de casa!?"
Leonardo Clume - Piraúba, MG

Fã-clubes

Fernanda Abreu (e Andressa Martins)
Av. Guido Mondim, 973/apt.104. CEP 90230-260 - Porto Alegre, RS

Grêmio Recreativo Samba-Funk (Fernanda Abreu)
Rua Treze de Maio, 148. CEP 30642-160 - Belo Horizonte, MG

Zé Ramalho Fã-Clube
QNM 19 - Conj.K - Casa 06. CEP 72215-190 - Brasília, DF

Frejat Brazil (Manifold)
Rua Edmundo Luiz Wagner, 78. CEP 04209-030 - São Paulo, SP

CANTADA REVOLTA

"Meu sonho é perder a virgindade com Neil Tennant, dos Pet Shop Boys. Mas ele é gay e não vai querer me comer..." Me revoltei ao ler esta cantada pornográfica que Marcella, de Belo Horizonte, deu se referindo aos meus queridos Pet Shop Boys. Não admito que essa vagabunda fale assim dos mestres da dance music.
Ricardo (Pet Shop Fun) – Serra, ES
Deixa de bobagem, Ricardo. O talento dos Pet Shop Boys é proporcional ao bom humor deles. Neil provavelmente adoraria brincar um pouco com a pobrezinha da Marcella.

DANÇA DO CD

Que decepção o CD Coletânea SHOWBIZZ Nº5! A seleção musical está uma porcaria, estes mesmos grupos têm músicas muito melhores...
Antonio Nogueira – Santos, SP

Ouvir o CD Coletânea SHOWBIZZ Nº5 é puro prazer! Descobri o quanto mundo livre s.a. (banda pela qual nutria um profundo preconceito) é bom; que os Ostras estão fadados ao sucesso e que o Maria do Relento é cem vezes mais engraçado do que os Mamonas.
Ronaldo D. Araújo – São Paulo, SP

tá bonito...

Viva a SHOWIZZ!!! Seria possível vocês fazerem uma reportagem especial com a Banda Eva? Aproveito e mando a foto do meu amigo Walace, dando uma de Elvis não morreu.
Marciene Rocha - Conselheiro Lafaiete, MG
Marciana, as suas sugestões são de outro mundo... Banda Eva? Aproveitando que o verão está aí, quem sabe fazemos alguma coisa?

DISCOGRAFIA, POR FAVOR!!!

SHOWBIZZ é a única revista que me entende. Por isso, preciso da discografia do Inner Circle. Pô, tá na hora de fazer uma matéria também.
Gustavo Dias – Brasília, DF
Gustavinho, entendido... Pode checar que tem uma reportagem bacana do Inner Circle na edição de outubro. Quanto à discografia, não precisa chorar: Reggae Thing, New Age Music, One Way, Black Roses, Bad To The Bone, Reggae Dancer *e* Da Bomb.

Gostaria de saber a discografia do Pixies e o nome dos seus integrantes.
Nelson Portanova – Florianópolis, SC
O Pixies é uma das bandas mais importantes do final da década de 80. Black Francis (também conhecido como Frank Black, voz e guitarra), Joey Santiago (guitarra), Kim Deal (baixo) e David Lovering (bateria) influenciaram muita gente. A banda não existe mais. Mas a carreira solo de Frank Black e o grupo The Breeders, de Kim Deal, matam a saudade atualmente. A discografia do Pixies é a seguinte: Come On Pilgrim *(87)*, Surfer *(88)*, Doolittle *(89)*, Bossanova *(90)*, Trompe Le Monde *(91)*.

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

ouro para o Silverchair

Quero elogiar a matéria com o Silverchair. Vocês deveriam fazer mais reportagens com eles. Também quero mandar um beijão para as fofurinhas das Raimundas.
Antônio Cândido – Cássia, MG

Valeu!!! A entrevista com o Daniel Johns, do Silverchair, estava D+!!! Será que não dá pra descolar o telefone dele? Afinal, o Daniel disse que está interessado em garotas brasileiras...
Andrea Martins – Americana, SP

ES-PE-TA-CU-LAR a reportagem com o Silverchair!!! O Robert Halloun fez a melhor matéria de todos os tempos. Dá pra entregar essa carta pra ele? Robinho (se é que você me permite chamá-lo assim), você pode me dizer se você gostou do Daniel, como ele é e o que mais ele falou?
Priscila Schmidt Serêno – Jacarepaguá, RJ
Querida Priscila, como você leu na matéria, Daniel parece ser um cara legal, de bem com a vida como todo garoto de 17 anos deve ser. Tudo que ele falou foi transcrito na reportagem. Agora, obrigado pelo elogio, mas Robinho não dá, né?

Daniel Johns, do Silverchair, passa o rodo

KISS arrebenta

Animal! Nota dez! Mascarada! Estas são as palavras para definir a capa da edição de SHOWBIZZ. Demais!!!
Marcos Lauro – São Paulo, SP

Gostei da matéria do Kiss. Mas, humm, esses mascarados... não sei, não. Tenho a impressão de que eles escorregam na maionese. Será que estou errado?
Marcelo Marinho – Recife, PE
Que isso, Marcelo... Só porque os caras do Kiss usam batom, calça apertada e rebolam adoidado, não quer dizer que eles sejam gays. Como diria o Lafond: "Bicha não!"

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Fozzio

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halloun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Mas e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Cláudia Grechi e Letícia Calmon
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) Carlos Albuquerque, Carlos Calado, Celso Masson, Cláudia Lima, Christian Petermann, Enor Paiano, Jaime Biaggio, Jamari França, Jan Fjeld, João Marcello Bôscoli, Jotabê Medeiros, Marcelo Bernardes, Marcus Veras, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Paulo Vieira, Pedro Alexandre Sanches, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Zeca Camargo

(Fotos) Antonio Ribeiro, Ary Diesendruck, Jorge Rosenberg, Miriam Fichtner, Penna Prearo, Veronica Peixoto
(Revisão) Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Marot
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Madrid, Marcelo Cataldi e Rosária Pires
Contato do Agência: Marcelo Cataldi
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Rosatti

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zelis

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1049, edição 137, dezembro de 1996). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, tel: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 867-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2500, CEP 20030-021, Castelo , tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532- 1583/1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarnão, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá ceder-lá a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3018, fone (011) 868.3036 (Dinap) E-mail: dinap.ne@email.abril.com.br, pagando com os cartões: Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER **Fotolito:** Bureau Azul, Propoca Editorial, Promocional IVC

los chicos internacionais

Skank estoura "Garota Nacional" no Chile e na Argentina

A indefectível "Garota Nacional" virou hit internacional. O Skank lançou *O Samba Poconé* na América Latina, com a faixa-bônus "Chica Nacional" e a música estourou no Chile e na Argentina, cantada em estrofes como "ella se amolda con mis sueños como ninguém". Um orgulhoso Henrique, por telefone mesmo, não hesita em mostrar a versão em espanhol. "Deixa eu botar a música pra você ouvir, é rapidinho." E explica como se deu a invasão mineira no Chile: "Vieram uns chilenos da Sony ver o show que fizemos no Metropolitan, no Rio, e resolveram trabalhar a música direto por lá." Samuel, também via Embratel, completa: "Pô, tenho uns amigos que fazem enduro de moto. Eles estiveram no Chile e tomaram um susto quando nos ouviram tocando nas rádios de lá." A notícia do sucesso na terra de Maradona veio através da banda de reggae portenha Los Pericos. "Eles nos falaram que agora TODO MUNDO sabe quem são os mineirinhos por lá", conta Samuel, na maior brejeirice.

Com "Chica Nacional" comendo solta lá fora, os skankinhos vão a Santiago, no Chile, ainda em dezembro, para fazer trabalho promocional do disco. *O Samba Poconé*, aliás, foi motivo de briga entre a Sony francesa e um selo local para o lançamento do disco na França.

Para completar a gringalização, Samuel anda em contato direto com – quem diria – Andy Summers, ex-The Police. O guitarrista está amarradão no som do Skank e quer vir ao Brasil em fevereiro fazer uma turnê com o grupo. "Convidamos o Andy para ver o show que faremos em Fernando de Noronha no fim do ano, mas ele está ocupado nessa época", esbanja.

Internacionalíssimos: "Garota Nacional" ganha versão em espanhol; Skank lança disco na França e bate bola com o ex- The Police Andy Summers

Bom Jon dá show no cinema

Jon Bon Jovi nem estreou seu badalado filme *The Leading Man*, em que vive um ator mau-caráter de Hollywood, e, mais uma vez contrariando a imagem de *pin-up*, vai cair na pele de um personagem bagaceiro no filme *Little City*. Embora a produtora ainda não tenha divulgado qual é o enredo da trama, sabe-se que o filme é um *thriller* moderninho e que o bom Jon já está atuando em locações por todo os EUA. Assim que terminar as filmagens, começa direto a trabalhar nas músicas do novo álbum do Bon Jovi.

Enquanto isso, o guitarrista Richie Sambora prepara o repertório do seu segundo disco solo. O CD será lançado em junho de 97 e, empolgado, Sambora vem compondo com vários novos parceiros, entre eles, a cantora Tracy Bonham e a galera do Aerosmith. "As músicas não se parecem com o Bon Jovi. Eu quero deixar a imagem de 'o guitarrista do Bon Jovi', preciso que o público me aceite como um artista com personalidade própria."

"O pessoal do metal é muito bom. Dentro e fora do palco"

Max Cavalera, do Sepultura, referindo-se a Ozzy Osbourne, que lhe emprestou seu avião particular

O quinteto gaúcho Nenhum de Nós, autor do sucesso "Camila, Camila", está de regresso. "É um recomeço leve, depois do massacre da imprensa. Como diz o Sérgio Martins *(editor de SHOWBIZZ)*, a crítica encontrou outros Cristos", brinca Thedy Corrêa, vocalista do grupo. *Mundo Diablo*, o novo disco, está cheio de participações especiais: Herbert Vianna, Fito Paez, Edgard Scandurra, Flávio Venturini... E Thedy explica o título satânico: "Não tem nada de maligno, mas algo de autobiográfico. Comemos o pão que o diablo amassou..."

Como o diabo gosta

Nenhum de Nós volta infernal

Apoio em lado B de gays

O guitarrista Kirk Hammet acaba de dar sua colaboração para o mundinho ao participar de "Headbanger", uma canção de amor gay que está no novo single da banda queercore de São Francisco Pansy Division. A música é o lado B do single. O lado A traz uma versão de "For Those About To Rock (We Salute You)", do AC/DC, que na mão da Divisão Maricas passou a se chamar "For Those About To Suck Cock (We Salute You)" e ganhou uma letra gay hardcore.

Enquanto Kirk dá o maior apoio aos homos, Evan Dando, líder do Lemonheads, baba o ovo *metallico*. O novo single dos Cabeças-de-Limão inclui uma cover da balada "Fade To Black". James Hetfield ouviu e arrotou: "É tão excitante quanto ouvir Donovan numa noite chata."

Kirk Hammet, do Metallica, partcipa de disco gay

Noel baba no Beck

Em novembro saiu o single "Devil's Haircut", faixa presente no álbum *Odelay*, de Beck. A novidade ficou por conta da versão remixada por Noel Gallagher, do Oasis. "É um privilégio trabalhar em uma faixa do Beck. Ele é um dos meus heróis! Espero colaborar mais no futuro", exultou Noel. O garoto mais *hypado* do momento não retribuiu a babação: "Ele pôs mais guitarras nas canções. Ficou legal. Não conheço o Noel pessoalmente mas gosto do Oasis. Eles tem algumas melodias legais. Vou me apresentar em Londres, em dezembro, e espero que eles apareçam para dar um alô", faz média, sem abandonar o tom blasé.

Beck e Noel: a seda rasgou

Rita quer NaraLEEar

Rita encarna Nara Leão

ROBSON BEZERRA/VIPCOMM

João Gilberto avisou: "Rita, minha filha, você é uma roqueira com voz de Nara Leão..." E a ovelha negra seguiu direitinho o conselho do baiano.

Primeiro foram o show e o disco *Bossa N' Roll*, com seus maiores sucessos em banquinho e violão. Agora, Rita Lee quer repetir a dose. No novo álbum que sai só no ano que vem, ela vai incluir a nova "Fruta Madura" – cheia de "dengos a la Tom Jobim na qual vou *naraleear*", disse a cantora, em entrevista a Antônio Carlos Miguel, do *Globo*. Nara Lee vai mais longe. "Pretendo também gravar um disco em inglês na linha do *Bossa N' Roll*. Na época levei o show para os EUA e os gringos adoraram", completa.

Bizzes

imperdível!!!

Em janeiro, estréia nos cinemas o documentário que conta a história do grunge

"Um dia recebi um telefonema no estúdio: 'Oi, eu sou o Kurt, sou amigo dos Melvins, queria que você produzisse meu trabalho'. Eu disse: é claro, amigo dos Melvins é meu amigo! Gravamos perto de dez canções durante uma tarde. No final, pedi que deixassem uma cópia da fita pra mim antes de retornarem a Aberdeen", lembra Jack Endino, produtor de *Bleach*, o primeiro disco do Nirvana, revelando o dia em que Kurt Cobain foi bater à sua porta.

Esse é o começo de uma história que, a partir de Seattle e seus arredores, mudou o rock de todo o planeta. E que está reconstituída assim, em detalhes como o deste telefonema, no documentário *Hype!*, de Doug Pray. "O legal do filme é que ele não idolatra ninguém. Não quis fazer um filme de *rock stars*. A intenção era humanizar", conta o diretor.

Sutilmente didático, o longa – com estréia prevista para 13 de janeiro, no Rio – mostra a efervescência ao redor do chamado "movimento de Seattle". Cobrindo do cenário pré-grunge, de 1984, ao suicídio de Cobain, dez anos depois, o documentário é rico em depoimentos como os de Eddie Vedder e Van Conner, do Screaming Trees. Bruce Pavitt e Jonathan Poneman, os fundadores do Sub Pop, o selo pai do tal grunge, também falam.

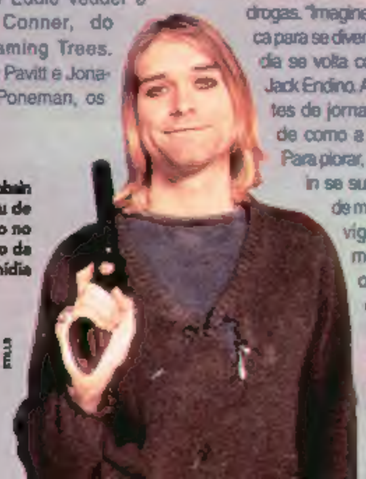
Em cenas de shows, o Mudhoney aparece tocando a clássica "Touch Me I'm Sick" num pequeno clube e você vê a primeira vez em que o Nirvana mostrou "Smells Like Teen Spirit", em 1990.

A partir daí, o filme passa a acompanhar o momento em que o grunge vira mania mundial. "O sucesso destrói o que é real na sua vida. As pessoas pensam que só porque você faz sucesso, você é feliz", declara um Eddie Vedder atormentado, depois de tocar bateria com seu grupo paralelo Hovercraft. Apesar da fama de arredio, Vedder surpreendeu o diretor do filme: "Foi fácil trabalhar com ele. Documentamos várias bandas locais que Eddie adora e ele apoiou totalmente o projeto. Eddie Vedder é *cool, man!*", elogia, ao estilo Beavis & Butthead.

O filme segue mostrando a dimensão do – claro – *hype*: editoriais de moda grunge, fileiras intermináveis de camisas de flanela em lojas e gorros na cabeça de manequins em vitrines de shoppings.

O reverso da fama vem logo depois. TVs, jornais e revistas começam a dissecar o lado escuro de Seattle: drogas. "Imagine que você faz música para se divertir e de repente a mídia se volta contra você", lembra Jack Endino. Aparecem manchetes de jornais elegendo a cidade como a capital da heroína. Para piorar, o viciado Kurt Cobain se suicida. Nas imagens de milhares de jovens em vigília lamentando a morte do ídolo, vê-se o trágico-patético em que foi dar essa história toda. Divertido e cheio de ótimas bandas que não se deram bem, *Hype!* é essencial.

Eddie Vedder é uma das estrelas de *Hype!*: "O sucesso destrói o que é real"



Kurt Cobain entrou de gaiato no maremoto da mídia

JIM BEAM

BEAM FORMULA B A STANDARD SINCE 1795

• THE AMERICAN BOURBON SINCE 1795 •

Jim Beam ® Kentucky Straight Bourbon Whiskey. ©1998 Jim Beam Brands International Co.

Indicações de tio MICHAEL

Taj, Taryll e Tito Joe são os três mocinhos preferidos de Michael Jackson. Não porque são bonitinhos e estão na casa dos vinte aninhos, mas porque carregam o sobrenome Jackson. Os três são filhos do guitarrista Tito (o integrante mais velho dos Jackson 5) e sobrinhos de Michael. Divulgando seu primeiro álbum, *Brotherhood* no Brasil, os simpáticos meninos do titio superstar receberam a reportagem da SHOWBIZZ. Com bem menos maquiagem do que aparecem nas fotos promocionais, eles contam que, embora tenham sido produzidos por Michael, não há motivo para comparações. "Estamos trabalhando duro há dez anos e a decisão de fazer música foi nossa, não houve imposição da família. Michael trouxe a sua experiência para nos dar uma força. Na verdade, ele supervisionou o trabalho todo mas não interferiu em nada. Espero que depois de nós ainda haja mais uma geração da família Jackson na música", diz Taj, de 23 anos. Inocentes, os garotos ainda deram declarações em coro sobre a ovelha negra da família, a maluca tia La Toya: "Tudo o que ela falou do Michael é mentira! Ela estava casada com um crápula que batia nela e a forçava a falar aquelas coisas!". Sobre o Brasil, os meninos ficaram surpresos com as indicações do titio. "O que o Michael mais falou sobre o Brasil é que as mulheres daqui são lindas!", diz Tarryl. É mole?

Mestre Ambrósio: revelação

Maracatu atômico

Em meados do ano passado, um grupo de sortudos teve acesso ao CD de estréia do Mestre Ambrósio. Entre eles estava a cantora Elba Ramalho. Mais do que depressa, ela incluiu a música "José" em seu show. Fácil de entender por que: o Mestre Ambrósio é uma das grandes revelações da música brasileira. O som da banda é um cruzamento de maracatu, ritmos folclóricos pernambucanos e punk. O primeiro disco teve a tiragem de seis mil cópias esgotada e o grupo foi convidado para festivais na Europa. "Tocamos em cinco países," diz o guitarrista e líder Helder. De quebra, o clip de "Se Zé Limeira Sambasse Maracatu" concorreu – mas não levou – na categoria Revelação do último Video Music Brasil, da MTV.

Agora, o MA vai rodar o Brasil. "Somos conhecidos no Nordeste. Chegou a hora de trabalhar no Sul."

Jimmy Page e Robert Plant já estão compondo as músicas do novo disco da dupla. O álbum sai até julho do ano que vem e, em seguida, eles partem para uma grande turnê. E aleluia! Depois de muita promessa, John Paul Jones, o ex-baixista do Led Zeppelin, finalmente está trabalhando no seu primeiro disco solo.

Ele não dançou

Kiko Zambianchi, autor de vários sucessos dos anos 80, volta ao disco

Apesar dos sete anos sem gravar, o autor de "Rolam As Pedras", "Primeiros Erros" e "Choque" dispensa o rótulo de recomeço. "Fiquei um tempão fora do estúdio, mas não me afastei da música. Andei o país inteiro com shows acústicos", explica Kiko, que também esteve fazendo música para peças de teatro. Quem ouve o novo trabalho, surpreeende-se. E Kiko o define como um "pop dançante chique". "É dance sim, mas não tem nada daquele bate-estaca pasteurizado. O disco é eletrônico, mas econômico, a melodia e a música são simples." Entre as 11 faixas, há regravações de Gilberto Gil ("Palco"), Caetano Veloso ("Jóia") e do próprio Kiko ("Choque" e "Quadro Vivo"), com direito a samplers e sintetizadores. A gravação aconteceu no estúdio de Luis Schiavon, ex-R.P.M., que aprovou o trabalho novo do amigo.

Tem que ter Fibra.
Fibra pra sonhar, Fibra pra amar, Fibra pra viver.
Fibra pra vestir, Fibra pra lutar, Fibra pra vencer.
Isabel Fillardis é uma pessoa de Fibra.
FIBRA
Tem que ter.
Fibra. A nova marca da camiseta.

Raimundos de NATAL

Quase sérios, os Paraíbas fazem crítica social, assumem que são grosseiros, mas dizem que não querem agredir ninguém

por ROBERT HALFOUN
fotos ARY DIESENDRUCK

Os raimundinhos estão felizes a cantar em ritmo de "Jingle Bell" "Feliz Natal, feliz Natal, pega no meu p..." O motivo da cantiga natalina em versão pornô é o lançamento de *Cesta Básica*, o novo CD com direito a uma cover dos Ramones, outra dos Sex Pistols, quatro músicas ao vivo e três inéditas – entre elas, "Infeliz Natal", composta há quase dez anos, quando o guitarrista Digão fazia parte da banda punk Filhos de Menguele. *Isso negócio de Natal é a maior hipocrisia. As pessoas se odeiam, mas ficam se abraçando, fazendo aqueles votos ridículos enquanto tem um monte de crianças morrendo de fome.* Pô, é uma festa comercial acima de tudo!!! Então resolvemos sacanear, né?", explica o indignado Digão. "Este disco é meio Simone, saca?", ironiza o baixista Canisso, referindo-se ao disco de Natal lançado pela ex-jogadora de basquete no final do ano passado. Rodolfo redefine. "É um presente para os nossos fãs." Os fanáticos que saírem na frente à procura de *Cesta Básica* vão se dar muito bem. Os primeiros oito mil CDs fabricados fazem parte de uma edição limitada em formato de caixa que inclui o HQ *Puteiro Em João Pessoa*, criado pelo cartunista Angeli *(veja quadro na página seguinte)* e um home-vídeo de 48 minutos idealizado, filmado e editado por Canisso. Com a palavra, o pai da matéria. "Sempre ando com uma câmera na mão e registro o agito dos bastidores. Quis mostrar a intimidade da banda e aproveitamos para contar toda a história do grupo", discursa o *videomaker* amador. No esta é a sua vida raimunda , o baterista Fred lembra de quando a banda mudou de estilo, em 1990, dissolveu-se e só voltou a tocar dois anos depois. "Tínhamos a ilusão de que precisávamos tocar direitinho. Chamamos um guitarrista e um baixista bons pra caramba, mas perdemos totalmente a identidade." Rodolfo completa: "É, ficou parecendo som de boiola!!! Era aquela época que o metal estava na moda, sabe? Ficou muito estranho..." O vocalista solta a frase morrendo de rir, enquanto o resto da galera faz cara feia.

Os Raimundos agora estão mais sérios. Como na contracapa de Cesta Básica clicada pelo fotógrafo Rui Mendes, um dos feras do *staff* de SHOWBIZZ. "Sempre ponho esses caras fazendo macaquices. Desta vez mudamos e mostramos uns Raimundos que ninguém conhece", explica Rui. "Também tem tudo a ver com o conceito crítico do disco. Gostei de parecer meio diferente, estranho...", reforça Digão.

Diferente mesmo é o repentino ataque de puritanismo. "Põe aí, põe aí", pede Rodolfo, apontando para o bloco de anotações do repórter. "Sei que somos grosseiros... Mas não queremos agredir ninguém. »»

Presentão para os fãs *Cesta Básica*, o novo disco dos Raimundos, é uma caixa com CD, vídeo e HQ

Cada vez mais populares, os Raimundos estão herdando os fãs dos Mamonas

Só falamos o que passa pela cabeça da molecada", anuncia o vocalista, referindo-se ao conteúdo chulo das letras raimundas, um dos fatores responsáveis pela total identificação dos adolescentes com o grupo. "Sacanagem é a banheira do Gugu e esse negocio de 'Segura O Tcham'. Perto daquela mulher transando com uma garrafa, somos uns coroinhas", defende-se Rodolfo. Canisso conclui: "Não temos a intenção de ser violentos." O surpreendente sinal de carolice tem explicação. Com a morte dos Mamonas Assassinas, boa parte do público infantil que se deliciava com as bobagens de Dinho e cia. migrou para as apresentações dos Paraíbas. "Véio, é impressionante a quantidade de crianças que pinta nos shows", revela Digão. "Devemos isso aos Mamonas", agradece Rodolfo. E se a platéia é superjovem, as tietes são... virgens!!! "Cara, é a maior correria. As meninas querem perder a virgindade com a gente. E, obviamente, saimos fora. Não da pra brincar com esse tipo de coisa", escapa Rodolfo, cheio de responsabilidade.

Quem vê não reconhece. Falando manso e com um ar quase adulto, os Raimundos não parecem mais aqueles moleques aloprados que tinham acabado de chegar de Brasília, sem um Real furado no bolso. Embora continuem com o mesmo visual despojado, as calças caídas que deixam aparecer a cueca, agora mostram, displicentemente, chaves do carro e telefones celulares. "Estamos trabalhando pra caramba e está dando pra tirar um dinheirinho, sim", revela o gordo Digão.

Da cobertura do prédio onde fica a gravadora WEA Music, em Sao Paulo, o mesmo Digão admira a vista cheia de edifícios e viaja nos planos de consumo da banda. "Ali é o Brooklin. Esse bairro é alucinante, véio. Vamos comprar uma casa ali, montar o nosso estúdio e alugar baratinho para as bandas que estão começando", diz, apontando para o horizonte. E lembra do perrengue do início da carreira. "Era foda, cara... Agora melhorou, ainda não estamos ricos, mas vamos indo muito bem", respira, aliviado. "Afinal, tenho família pra sustentar", brinca o casadão Canisso, pai de dois filhos. Falando em mulher... Rodolfo, quem diria, até segunda ordem, está amarradinho da silva, Fred também. Sobrou para Digão o cargo de galinha da banda. E ele adora. "Namorada? Não quero saber disso, não!" desconjura. Digão só compartilha com o resto da banda a ansiedade para gravar o próximo álbum. "Começamos a gravar no meio do ano que vem e o disco sai até dezembro de 1997", conta. O repertório? "Já temos muitas idéias, mas não dá pra adiantar nada. As coisas mudam muito e algumas músicas são feitas durante os ensaios, no meio da loucura", diz Rodolfo. "'Eu Quero Ver O Oco' foi assim. O Canisso entrou no estúdio putão, gritando o refrão que hoje todo mundo conhece. Aí foi fácil. Fizemos a música em minutos. Daqui a uns meses você vai lá no ensaio ver alguma coisa", completa e convida.

Até lá, os Raimundos vão pitando no Kombão, pensam em fazer um acústico de botequim e sonham em tocar no Carnaval baiano(!!!). Tudo não necessariamente nessa ordem. "Tô querendo tocar um forrózão acústico num desses botecos da paraibada. Triângulo, zabumba e o escambau... O legal é não avisar a ninguém e pegar a rapaziada de surpresa", delira Digão. Rodolfo, em outra sintonia, quer um pouco mais de calor humano. "Já pensou na detonação que seria, a gente tocando num trio elétrico. " Digão retoma, pensando em sacanagem, é claro. "Não posso esperar para ver de perto a dança da garrafa..." A galera se liga no rebolado... E os olhos dos raimundinhos brilham feito bola de árvore de Natal.. Z

Canisso, Rodolfo, Digão *(da esq. para dir.)* e Fred *(abaixo)*: "Natal é uma festa comercial. Resolvemos sacanear, né?"

REPÓRTER BIZZ

ALANIS

por ROBERT HALFOUN
fotos JORGE ROSENBERG

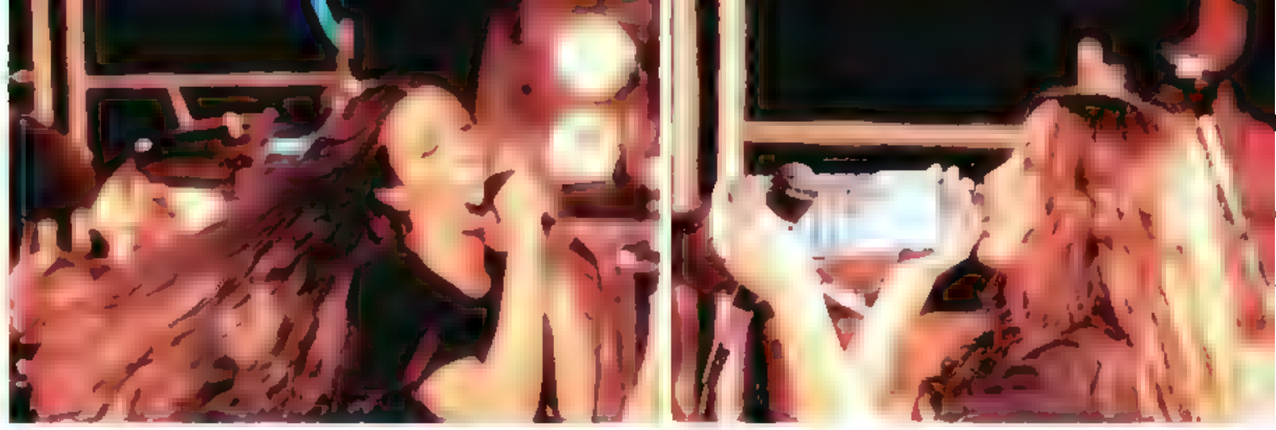
garota nacional

Exclusivo: acompanhamos o rolê de Alanis Morissette pelo Brasil

Não dá pra evitar: Alanis go down on coconut

Pessoalmente, Alanis é mais bonita do que nas fotografias. E pelos sorrisos que andou distribuindo pelo Brasil, quando passou por aqui em outubro, revela uma simpatia surpreendente para os temperamentais parâmetros dos popstars. Aos 22 anos, esta canadense passaria por uma garota comum, se não fosse o seu enorme talento responsável pelos quatro Grammys que ganhou este ano e pelas 20 milhões de cópias vendidas do seu álbum, *Jagged Little Pill*. Treze milhões dessas cópias foram consumidas só nos EUA e a transformaram na artista feminina que mais vendeu discos na história da música americana.

Desencanada, Alanis diz não ligar muito para essas coisas. "Engraçado, quando eu fui morar em Los Angeles, em 1991, o Serviço de Imigração dos EUA me classificou como 'uma estrangeira com talentos especiais'", conta, morrendo de rir. "Para ser honesta, eu não chego a pensar que vendo milhões de discos, que faço tanto sucesso... Eu sou uma pessoa normal! Aliás, o que eu escrevo é muito pessoal, passa as emoções que eu vivi e, exatamente por serem experiências comuns, é que acho que as pessoas se identificam com as letras. Sou como a garota que vai ao meu show, tenho os mesmos sentimentos que ela", explica. "Sou absolutamente comum", faz questão de reforçar. »



"Me mostro muito mais escrevendo do que usando saias curtas"

(Da esq. para a dir.) Alanis toca guitarra no estúdio Transamérica, esbanja simpatia posando para os fotógrafos na coletiva de imprensa, ataca a garta em "All I Really Want" e, no vira-vira, entorna quase um litro de água de uma vez só

Durante os seis dias em que esteve no Brasil (cinco em São Paulo e um no Rio), nas poucas horas livres que Alanis descolou no meio da agenda lotada de compromissos promocionais marcados pela gravadora, ela andou sem seguranças, foi a praia, pegou táxis e passou uma tarde inteira na cidade de Embu das Artes, próxima à capital paulista, comprando artesanato e instrumentos brasileiros. Acabou levando vasos, esculturas e um berimbau. Alanis fez tudo isso acompanhada da amiga Joanna que ela mandou buscar no Canadá. "A melhor parte de uma turnê mundial é poder conhecer várias culturas. Como já haviam me falado superbem do Brasil, chamei a Joanna para me fazer companhia", explica.

Estar com os amigos é um dos passatempos prediletos de Alanis. "Me divirto muito fazendo reuniões na minha casa. Sabe, ficar conversando até as cinco da manhã...", conta.

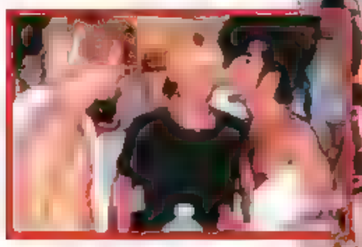
Filha de pai canadense-francês e de mãe húngara, ambos professores, Alanis está na efervescência da vida artística desde os nove anos, quando apresentava o programa infantil *You Can't Do That On Television* (Você Não Pode Fazer Isso Na TV). Por isso prefere a tranqüilidade da sua casa à fervição noturna. Aos 16 anos, lançou seu primeiro disco, *Alanis*, e, um ano depois, foi considerada a "resposta canadense para Debbie Gibson" com o álbum *Now Is The Time*. "Era só uma definição", desdenha. E completa. "Quando eu era mais nova minhas principais influências eram os anos 80 e acabei aderindo aquele brilho todo. Mas... Pô, eu era uma criança!" De qualquer forma, acho que não teria sido capaz de escrever as músicas de *Jagged Little Pill*, se não tivesse começado a compor tão cedo", diz, acomodada no camarim do estúdio da Rádio Transamérica, em São Paulo, onde fará um pocket show transmitido ao vivo simultaneamente pela rádio e pela MTV.

O lugar tem um cheiro e uma atmosfera agradáveis. "Aromaterapia!!!", exclama, convicta. "É ótimo para aliviar o stress, equilibrar o meu corpo e colocá-lo em sintonia com o das outras pessoas", explica. No buffet preparado na ante-sala, estão as preferências gastronômicas de Alanis. Na verdade, ela não chegou a fazer nenhuma exigência maluca. Só faz questão de chá de menta e camomila. "Também para relaxar", diz. Alanis quer ficar numa boa. A portas fechadas, sem nenhum assessor, coisa pouco comum em entrevistas com popstars, ela conta que faz ioga e que pretende passar as férias na Índia aprendendo um pouco mais sobre meditação. "Lá, as pessoas não me conhecem e posso ficar à vontade, sem ser vista como uma pessoa pública. Quero botar uma mochila nas costas e sair sem destino", deseja.

Alanis é meio bicho-grilo mesmo. E não se incomoda de ser encarada como tal. "Se ser hippie é ter a cabeça aberta vestir roupas confortáveis e não se render a standarts da sociedade , sim, eu sou hippie", assume, decidida.

Este lado alternativóide explica porque Alanis, embora jovem e bonita, não apela para um figurino mais insinuante – ao contrário da grande maioria das cantoras pop. "Ah, isso não é pra mim...", rejeita. "Quando era mais jovem, deixava »

Paixão adolescente



Fúria no *Programa Livre*: Taylor, Chris e Jesse (no detalhe) fazem uma mistura de Jane's Addiction com The Police e Alanis alucina

"Vejo humor em tudo. Gosto de ser meio **sacana**, às vezes."

Alanis lotou o Olympia, em São Paulo, nas suas duas apresentações. *(No detalhe)* Calcinha-tributo jogada por fãs durante o primeiro show no Brasil

Glen fica por trás de Alanis

Fera na retaguarda

que o foco ficasse um pouco mais direcionado para a minha imagem. Hoje, mudei muito... Como compositora, eu me mostro muito mais escrevendo do que usando saias curtas", completa, cheia de razão.

Alanis despontou há um ano no cenário americano com a música "You Oughta Know", na qual pergunta a um ex-namorado se sua atual garota é perversa como ela era e se faz sexo oral no cinema como ela fazia. O que o tal sujeitinho (que ela se recusa, terminantemente, a dizer o nome) acha da música? "Não tenho a menor idéia", confessa, às gargalhadas. "Mas pretendo falar com ele quando eu voltar para L.A.", completa. Aí fala sério: "Espero que ele conheça a música e saiba que ela foi escrita pelos meus próprios motivos... Não para que eu voltasse com ele ou como vingança. Outras músicas do disco também falam de sexo e não têm nada a ver com ele."

Além de "You Oughta Know", as letras de *Jagged Little Pill* estão recheadas de trechos picantes. E Alanis não foge das perguntas mais fortes. Pelo contrário, fala de sexo com muita naturalidade. O staff da gravadora WEA Music que a acompanha no Brasil é que fica meio preocupado com alguma questão mais pesada que possa ser feita pelo público na participação de Alanis no *Programa Livre*, do SBT.

Durante a passagem de som, ainda sem a presença dos adolescentes no cenário, Alanis brinca com os músicos da banda. "Tem alguém aí tocando errado...", implica. Formada por Nick Lashley e Jesse Tobias, nas guitarras; Chris Chaney, no baixo e Taylor Hawkins, na bateria, o grupo tem uma pegada forte e pode ser considerado uma mistura de Jane's Addiction com The Police. Ao vivo, acredite, eles fazem a diferença. São uma banda de rock legítima. "Somos como uma família. O Taylor é puro e passional; o Chris é disciplinado e inocente; o Jesse é crescido; o Nick me dá aulas de guitarra", define, carinhosa. Provavelmente, os quatro caras apresentados à Alanis por Glen Ballard, produtor de *Jagged Little Pill (veja quadro)*, devem participar também do próximo disco. O álbum ainda não tem data de lançamento prevista. Embora já esteja com 13 músicas meio prontas, Alanis não sabe sequer quando entra no estúdio. "Estou esperando essa turnê terminar para poder me concentrar de verdade. Sei que a gravadora adoraria que eu lançasse algo novo na semana que vem, mas não recebo a menor pressão em relação a isso", revela. Quando termina a turnê? "Dia 15 de dezembro", solta, na ponta da língua. Embora cansada da exaustiva excursão de 160 shows, entre dois shows no Olympia, em São Paulo e um no Metropolitan, no Rio, Alanis ainda arruma fôlego para fazer uma participação na novela *Malhação*, da Globo.

Conversando com o diretor Fábio Colatrello, ela parece descontraída, ri à toa e grava sem trauma as suas duas pequenas falas, em inglês mesmo.

De volta ao Hotel Intercontinental, em frente à praia do Pepino, em São Conra-

Ao vivo, Alanis Morissette parece entrar em transe: "Na verdade, só penso na música quando estou cantando. É automático"

do, Alanis mal sai do carro e vai direto para a areia. O que se vê é a imagem daquela garota comum vestindo a camiseta da sua própria turnê *Can't Not Tour*, com o número 69 sugestivamente pintado nas suas costas. "É parte de mim ver humor em tudo. A camiseta é uma chance de você divulgar idéias. Sexo, excitação, felicidade e outras coisas positivas devem ser celebradas", disse ao repórter, dias antes no camarim do estúdio Transamérica. "Gosto de ser meio sacana às vezes", completa. Naquele mesmo dia, momentos antes da entrevista, durante a gravação do programa *Top 20 Brasil*, da MTV, Alanis comentou que gostou do Brasil porque, ao contrário de L.A., "as pessoas daqui falam olhando no olho da gente". E rapidamente se apropria do jeitinho brasileiro. "Senta aqui", pede ao repórter, instalado na poltrona a sua frente, exigindo que passe ao sofá em que está sentada e faça o seu trabalho devidamente acomodado ao seu lado. "Agora está melhor", diz dando um encaradão.

depois da tempestade

11 de novembro de 1996. Há apenas 31 dias, Dado Villa-Lobos perdia o amigo e parceiro Renato Russo e vivia um dos piores momentos da sua vida. Agora, o guitarrista da Legião Urbana está tranqüilo, sentado no apartamento-sede do seu selo Rock It!, localizado no arborizado bairro da Gávea, no Rio.

Não, ele não está triste. Também não tem olheiras e nem chora ao falar de Renato. "O que passou, passou", diz.

Na entrevista concedida poucas horas depois de ter jogado uma partida de futebol, Dado mostra uma força incrível e conta que está cheio de planos. O negócio agora é bola pra frente.

Exatamente um mês após a morte de Renato Russo, Dado Villa-Lobos se abre, fala de dor, da Legião e faz planos para o futuro

Pergunta básica: planos para o futuro?
Muitos. Aqui na Rock It!, estamos negociando um novo contrato de distribuição dos nossos discos. Pela Virgin lançamos o *Sex Beatles II*, o Dinho, o *Brasil Compacto (uma coletânea de bandas de rock brasileiras)* o Peter Perfeito e o Edgar Scandurra. Mas esses discos praticamente não chegaram às lojas. Eu gostaria de não lançar mais nenhum artista sem ter certeza de que ele vai ser recebido e encontrado pelo público.

Ser o Dado da Legião facilita na hora de negociar?
Humm... Talvez até conte um pouco, mas é negócio. O que vale mesmo é o que a gente tem para apresentar e o que estamos fazendo desde 1992. A gente tem 15 discos em catálogo e outros por vir. A idéia é ser um selo com cara própria, uma marca que represente alguma coisa. Ah, eu queria mandar um recado: não é porque a gravadora se chama Rock It!, que só gravamos rock. Galera de outros estilos, mandem suas demos para cá!!! Endereço: Caixa Postal 38011. CEP 22451-970 Rio de Janeiro. RJ.

E difícil lidar por bandas mais novas, alternativas?
Pô, é a maior batalha, mas é muito importante para o mercado. São poucas as pessoas que dão força pra gente nova. É quase uma guerrilha, mas nossa vontade é maior do que qualquer perrengue.

Dado Villa-Lobos (em foto igualzinha à do disco solo de estreia de Peter Gabriel), quer voltar com sua primeira banda Dado E O Mundo Animal

Você destaca algum artista novo?
Fizemos um disco inteiro do Maria Bacana, mas acho que o trabalho do *Brasil Compacto* retrata a boa nova safra de bandas brasileiras. Fomos buscar o que está realmente acontecendo no Brasil, de Norte a Sul. É claro que ficou muita coisa de fora, é impossível colocar tudo num disco só.

E você? Não pensa em sair em carreira solo?
Impossível. Eu não sei trabalhar sozinho. Não sei mesmo. Sozinho, sozinho, nem pensar.

Você canta?
Ah, a gente sempre canta nas rodas de violão... Mas nunca pensei em entrar no estúdio e gravar alguma coisa. Mesmo porque o Renato tinha uma voz incrível e ele cantava aquelas letras que só ele poderia dizer. Ao mesmo tempo que tinha a ver com o universo da Legião Urbana, eram coisas superpessoais. Ele criava as fronteiras dele.

O que você pretende fazer afinal?
O que mais me impulsiona é a experimentação musical. Tocar com os amigos, criar com eles e ter de volta aquela sensação. Vou reativar o Dado E O Mundo Animal, que era uma banda experimental de Brasília. Rapaz, a gente era meio cult... Éramos a única banda que usava teclado. Tínhamos quatro, cinco músicas instrumentais, e era tão maluco, que a banda acabou. Quem deu o nome, aliás, foi o Herbert Vianna. Em 1981, eu comprei uma guitarra, a Dadocaster, que era quase um instrumento de brinquedo. Eu não tinha correia e o Herbert me deu uma com a condição de que eu colocasse o nome da banda de Dado E O Reino Animal. Achei ótimo e, quando formamos a banda, tive de cumprir.

Mas isso é concreto? Quer dizer que você volta ao circuito?
Eu penso nisso todos os dias, mas, às vezes, fico com uma »

por ROBERT HALFOUN

Dado chuta a depressão para longe jogando bola, indo à praia e se reunindo com os amigos

puta preguiça de fazer qualquer coisa... Fico meio desanimado de ter de ir no programa de não sei quem... Ah, não! Isto não dá. A Legião nunca gostou de fazer isso... Sei que é importante, mas esse lado sempre me atrapalhou muito. Também há esse negócio: banda sempre tem um cara que fala por todo mundo... Sei que se fizesse alguma coisa, essa tarefa ia sobrar para mim. Eu queria acabar com isso. Aliás, a idéia da Legião era essa. O Bonfá, na bateria e o Renato, no baixo, que chamavam pessoas para ensaiar. Um dia um tocava guitarra, no outro vinha um cara diferente... Era para ser uma corrente contínua se transformando o tempo todo. E ninguém seria o porta-voz de nada. A música falaria por ela mesma.

O fato de o Renato ter virado o porta-voz incomodava?
Não... Isso era inevitável. Nunca foi um problema, ou uma picuinha do tipo 'ele fala muito, ele é o líder...' As coisas são assim. Sempre há um líder, mas no estúdio o trabalho funcionava de outra maneira.

Considerando que você é um músico profissional...
Ops... Eu sou um músico profissional que está com a carteira de estagiário da OMB *(Ordem do Músicos do Brasil)* vencida... *(risos)*

Ok, mas você não pensa em fazer algum trabalho visando retorno financeiro?
Olha, já ganhamos muito dinheiro e acho que vamos continuar ganhando. Essa questão não me preocupa em momento algum. O que me interessa é ter experiências musicais com outras pessoas. Mas não fechei ainda que conceito é esse. Acredito no poder da música em moldar o caráter das pessoas.

A Legião era exatamente isso...
É, tocar as pessoas era o que a gente mais prezava no trabalho da banda. E ganhar dinheiro também, né? *(risos)* Sério: recebo milhões de cartas de pessoas falando de como nós mudamos a vida delas. Isto também aconteceu com a gente, tanto com artistas de fora. Lembro que eu ouvia os discos do Chico e do Caetano e aquelas mensagens entravam em você de maneira impressionante. Agora descobri o *Clube Da Esquina*, que também é um disco incrível...

Você já fez alguma análise da trajetória da Legião?
Me orgulho da credibilidade que conseguimos diante do nosso público. Isso dinheiro algum pode comprar... Não foi à toa que desisti de ir pra França estudar Sociologia para ficar aqui com aqueles caras fazendo música. Cumprimos o nosso objetivo e de certa forma entramos para a história deste país.
Agora, é um livro que se fechou. O último capítulo começou em janeiro, quando entramos no estúdio para gravar *A Tempestade* e a última frase foi escrita dia 11 de outubro de 1996.

Você se sente um ídolo?
Não, de maneira alguma. Nunca!!! Ídolo, eu? O Renato era um grande ídolo. Sei que ele também não queria ser esse mito em que se transformou. Mas as coisas tomam proporções enormes. Vivemos uma biografia que já tinha sido escrita. Sexo, drogas, brigas no estúdio, pau com os caras da gravadora...

Você falou em último capítulo... E os discos da Legião que ainda vão ser lançados?
É o espólio da Legião... *(irônico)* Para *A Tempestade* gravamos 28 músicas e só entraram 15. A idéia inicial era que em 1997 iríamos retomar o trabalho que havíamos começado. A gente sempre fazia mais ou menos assim. Agora, vou ter de dar um acabamento para essas músicas. Inclusive porque a gravadora já pagou por esse disco.

***A Tempestade* é um disco melancólico, conseqüentemente esse próximo álbum deve ter esse clima também...**
Provavelmente. Com certeza as músicas têm uma carga emocional muito forte. O Renato se foi... Vai ser terrível continuar esse disco. Mas há temas mais leves e o repertório é bem variado. Ficaram coisas acústicas como "Dado Viciado" e "Mariane", que são bem Legião e bem pra cima.

Foi muito difícil gravar A Tempestade?
Foi complicado principalmente pelas oscilações do Renato. Tinha horas em que ele estava bem, outras não.

Neste período o Renato já estava fisicamente mal?
Não. Era psicológico mesmo. O Renato começou a ficar fisicamente debilitado em julho, na fase final do disco.

Houve algum momento em que a barra pesou mais durante a gravação do disco?
Todos eles. Pra você ter uma idéia, as vozes foram gravadas no primeiro *take*. Normalmente trabalhávamos as músicas exaustivamente. Dessa vez não foi possível. Mesmo assim temos momentos incríveis. "Clarisse", que vai entrar no próximo álbum, é um deles. Ela é uma música de 10 minutos, que não tem o formato pop, não tem refrãozinho... Ela tem rimas complicadas e o Renato gravou de uma vez só. Foi inacreditável! Ele não parou em nenhum momento e não há uma vírgula sequer em que se mexer. São dois violões e uma letra muito forte. É a história trágica de uma menina, misturando ali uma autobiografia.

O guitarrista e peladeiro mantém o idealismo musical através dos projetos da Rock It!

Apesar de as gravações de *A Tempestade* terem sido turbulentas, você gosta do resultado final do disco?
Hoje sim. Antes era mais difícil... É duro você perceber que está chegando ao fim. Você pressente isso e fica acuado no estúdio vendo aquilo tudo. E eu tinha que controlar a situação.

Ainda é difícil falar do Renato?
Não. De maneira nenhuma.

Passou. Curioso é que os grandes nomes da arte sempre tiveram um final meio trágico. Não sei por quê. Rimbaud morreu com gangrena na perna, depois de ser comerciante na África; John Lennon foi assassinado... A gente tem que aceitar a realidade, embora saber que o Renato está morto tenha sido muito difícil.

Em que momento você soube que o Renato era soropositivo?
No dia em que saiu o exame, há seis anos. Acho que eu soube até mesmo antes dele...

Manter-se em silêncio foi um belo exemplo de fidelidade a um amigo...
É. *(seco)* **Eu tenho a minha vida, a minha família, a Rock It!, mas o que me levou a isso tudo foi a minha amizade com esses caras que formam a Legião Urbana, na qual o Renato era o centralizador.** Vivíamos muito unidos, mantendo as conversas em dia e sendo amigos acima de tudo. Ele pediu preservação e isso tinha de ser respeitado até o último momento.

Vocês conviviam nos últimos meses?
Nos falávamos mais por telefone. O Renato era um cara difícil de se aproximar. Não tinha aquele negócio de ir ao cinema, tomar um lanche... Eu também estava superocupado... Mas fui vê-lo numa terça e ele morreu na sexta. Fiquei chocado. Foi quando vi que tinha acabado mesmo. Mas esse tipo de imagem eu não quero guardar... Às vezes tenho uns relances, mas a lembrança que fica é da pessoa dinâmica, divertida e extremamente sagaz. Ele era assim.

Existem mesmo planos de lançar um disco ao vivo e outro de *out-takes*?
É, a gente ainda vai ver com a gravadora qual o formato ideal para lançar o material ao vivo e uns barulhos de estúdio...

Você buscou algum tipo de ajuda quando Renato morreu?
Eu fui para um lugar que não tinha nem telefone. Meus amigos foram sensacionais, estavam todos lá em casa. Precisávamos dividir a dor uns com os outros. Até o fato de não ter enterro foi foda. O enterro tem uma função social. Você põe todo mundo no mesmo lugar, descarregando tudo ali naquela cerimônia e quando ela acaba você, sai mais aliviado.

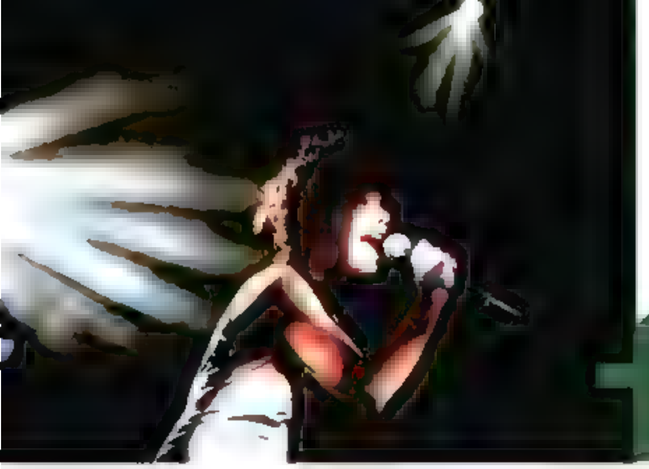
O que achou da reação dos fãs?
Eles sempre foram maravilhosos, né? Até hoje, continuo recebendo cartas, telegramas supercarinhosos... Afinal, perdemos um amigo em comum.

Que tipo de música tem feito sua cabeça?
Acho que o punk do final do milênio são esses caras que fazem experimentações eletrônicas. Gosto também das coletâneas em prol de alguma coisa, em que você ouve artistas maravilhosos ajudando o mundo a ficar melhor. Adoro isso. Não gosto de discos que não dizem nada, não têm propósito de porra nenhuma. Às vezes pego um álbum e pergunto: "Isto serve pra quê?"

Mas, música, antes de tudo, é entretenimento...
É mesmo. O novo disco do Beck é incrível, sou fã e não questiono nada. O R.E.M novo também é legal. O Planet Hemp é a única banda politizada deste país. O D2 é um dos únicos rockstars do Brasil. De resto, tenho tido dificuldade em me divertir com discos. Meu poder de descarte está foda.

E o que você tem feito para se divertir?
Cara, eu jogo bola umas três vezes por semana e me divirto à beça. Também vou à praia, faço reunião com os amigos...

Futebol três vezes por semana, já dá pra bater uma bolinha decente, não?
É cíclico, né? Às vezes vem a má fase... No momento eu estou bem.



A filha da floresta

Björk experimenta fase divina durante passagem pelo Brasil

por SÉRGIO MARTINS*

Se não existisse Björk, Odin teria de ter inventado. Quem sabe, o Deus nórdico já não cuidou disso: ao se deparar com a moça pessoalmente – e principalmente depois de conferir seu energético show no Free Jazz 96 – a impressão que se tem é que ela é uma espécie de Deusa da Floresta, protetora da música e madrinha dos computadores. O problema é que deusa Bjork anda cansada de empulhação. Nas Filipinas, chamou pra briga um fotógrafo mais abusado. À imprensa brasileira foi reservada apenas uma hora para sorver a sabedoria da moça. "É tempo suficiente para as pessoas me conhecerem", revelou

"A fama me dá chances de trabalhar com quem eu quiser. Só não acho legal quando ela prejudica meus amigos. Não gosto de deixar ninguém esperando enquanto dou autógrafos, nem de ser interrompida durante as refeições.

Deusa Bjork gosta mesmo de oferendas – sorriu ao receber *Falso Brilhante*, de Elis Regina, e uma coletânea de Maysa – e de computadores. Fica ofendida quando alguém acusa seus pupilos com chip de não terem alma. "O computador soa sem alma quando é programado por alguém sem inspiração", dispara, para depois citar como exemplo a Islândia natal. "As pessoas eram contra a instalação de telefones porque achavam que nunca mais sairiam às ruas para conversar."

Até os fiéis católicos se renderam ao charme pagão de Bjork. O irlandês Bono Vox disse que admirava sua sinceridade. "Eu fico honrada com esse tipo de elogio. Bono captou a minha missão no mundo, que é ser honesta."

A mesma honestidade a fez repudiar sua versão para "Travessia", de Milton Nascimento. A faixa entraria no *Red Hot + Rio* e Björk desistiu de liberá-la. "Desde que a ouvi pela primeira vez, em Portugal, eu a consumo como uma *junkie*", desabafa. "A minha paixão aumentou quando conheci Eumir Deodato (*arranjador de 'Travessia' e participante de* Post). Ele me contou dos tempos da ditadura no Brasil. Então eu não me senti bem cantando 'Travessia'. Não soaria sincero."

Bjork ainda solta sermão quando alguém fala de suas experiências com o jungle – nomenclatura que ela abomina. "O nome me soa racista. Prefiro *drum'n'bass*. Como é um ritmo feito por negros, eles acham que tem alguma relação com a selva. *Uga! Uga!* (*brinca*). Quando Duke Ellington surgiu, a música dele também foi chamada de jungle." Tudo bem, de hoje em diante prometemos nunca mais falar em jungle. Mas ela é adepta do *drum'n'bass*? "Não. Tenho algumas músicas remixadas, mas não sou uma artista de *drum'n'bass*. Não vivo a realidade deles."

A música brasileira anda fazendo a cabeça da menina. Bjork se fartou de comprar vinis – justo ela, que defendeu a tecnologia – e se encontrou com João Marcello Bôscoli, filho do ídolo Elis Regina

A parceria com Eumir Deodato também não ficou de todo esquecida. O maestro trabalhou num dos remixes de "Hyperballad". "Quando eu vi Eumir pela primeira vez, não acreditei que alguém poderia fazer algo tão bonito. O nosso trabalho vai depender da disponibilidade dele."

Antes que Bjork saia para outras entrevistas, a deusa ainda tem tempo para responder à pergunta final: "Está gostando do Brasil?" "Sim, eu achei por demais exótico", diz, para em seguida consertar. "Acho engraçado chamar seu país de exótico. Talvez VOCÊS me achem exótica." Nem tanto. Divina seria a definição mais legal.

Björk no Free Jazz (ao alto) e numa paisagem bucólica: a deusa começa a cansar de tanta elevação

RETROSPECTIVA

1996

O ano em que o rock perdeu Renato e os Mamonas, mas não deixou de rolar

SKANK

Os reggaemen confirmaram a boa fase com o álbum O Samba Poconé, que rumou rapidinho para o milhão e meio de cópias vendidas, e o hit "Garota Nacional", música do ano. Nem o picareta que acusou o grupo de ter plagiado suas letras pôde estragar a festa.

BON JOVI

O gostosão caiu de cabeça no cinema e atuou em The Leading Man, interpretando um ator mau-caráter. Bon também decidiu: disco novo só em 1999.

KISS

Os quatro mascarados do Apocalipse voltaram numa bela turnê que inclui sangue e truques dignos de circo. Graças ao retorno do Kiss, seu irmão mais velho não precisa tentar convencer você de como eles eram legais na época em que usavam máscaras de Halloween.

CARLINHOS BROWN

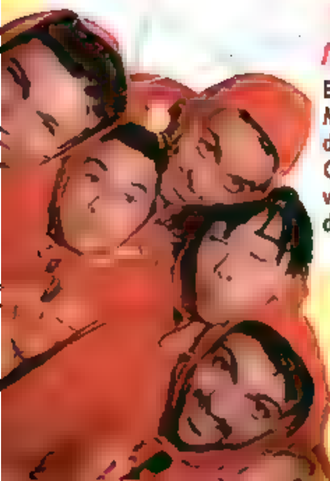
Enfim, o compositor baiano lança seu tão aguardado disco de estréia, Alfagamabetizado. O álbum teve um resultado mediano no Brasil, mas Brown emplacou canções nos álbuns de Marisa Monte, Daniela Mercury e Maria Bethania.

MADONNA

Ano cheio para a cantora: primeiro, sacudiu a Argentina durante as filmagens de Evita. Depois, anunciou estar grávida de seu preparador físico Carlos León – Lourdes Maria nasceu em outubro – e lançou a trilha do filme.

MICHAEL JACKSON

O cantor americano filmou clip numa favela carioca e na Bahia, fez muito sucesso (na Bulgária) e – dizem – produziu um filho (!)



MAMONAS

Em março, o Brasil ficou mais triste: os Mamonas morreram no auge, num desastre aéreo na Serra da Cantareira. Com mais de dois milhões de discos vendidos, eles foram o maior fenômeno da história recente do disco no Brasil.

"Homem que é homem pega até mulher feia"
Camisso (Raimundos)

OASIS

O Caim e o Abel do rock inglês aprontaram tanto quanto fizeram sucesso nas paradas em todo o mundo. O último episódio da pendenga oasiana – depois de largarem a turnê americana pela metade – foi a prisão de Liam Gallagher tentando entrar no país onde não devia.

"Sempre vai haver alguma coisa nova e sempre vai haver gente para tomá-la. Nunca sai de moda"
Lou Reed

Os fatos que marcaram o ano

JANEIRO Os Mamonas saem com destaque na revista americana *Billboard*, sob o nome de "Tetas Gigantes Metadoras" • Acontece o Hollywood Rock, em São Paulo e no Rio, com shows de Page & Plant, Smashing Pumpkins, The Cure etc. • Chega às lojas o primeiro CD do Garbage, banda de Butch Vig. **FEVEREIRO** Sting confessa ser usuário de ecstasy e luta por sua legalização • Os Ramones anunciam o fim da banda com apresentações no Brasil e na Argentina. • Ron Wood, dos Rolling Stones, visita o país para curtir o Carnaval e negociar uma exposição de seus quadros. **MARÇO** Michael Jackson grava o clip de "They Don't Care About Us" no Brasil • Michael se divorcia de Lisa Marie Presley • Os Mamonas Assassinas morrem em desastre aéreo • Eddie Vedder chega como excesso de bagagem na turnê dos Ramones • Santana faz shows no Rio e em São Paulo. **ABRIL** Madonna anuncia sua gravidez • Bon Jovi vira top model: o cantor posa para a campanha publicitária do estilista italiano Gianni Versace • Johnny Rotten sinaliza a volta dos Sex Pistols. Chega às lojas *Anthology 2*, coletânea dos Beatles. Bernard Edwards, baixista do Chic, é encontrado morto num quarto de hotel em Tóquio. **MAIO** Tiririca vira sucesso nacional com "Florentina" • Carlinhos Brown solta *Alfagamabetizado* • Raimundos iniciam a turnê de *Lavô Tá Novo* • O Ruffles Reggae Festival traz para o Brasil bambas como Inner Circle e Ziggy Marley • Dave Gahan, do Depeche Mode, sofre uma overdose • Scott Weiland, do Stone Temple Pilots, é internado para se livrar do vício em heroína. A cantora de reggae Patra chega ao Brasil para participar do novo álbum do Cidade Negra.

JUNHO Jarvis Cocker, vocalista do Pulp, é eleito símbolo sexual da Inglaterra • O grupo de hardcore *straight edge* Shelter se apresenta no Brasil • Tem início em Brasília o Stol Rock Festival • Humberto Gessinger monta seu trio e Engenheiros dão um tempo • Tears For Fears volta ao Brasil depois de seis anos • O Kiss inicia em Detroit, EUA, turnê milionária em que retoma máscaras e formação original. O rolê deixa deve chegar em março ao Brasil • Tem início o festival alternativo Lollapalooza. O headliner do evento – contrariando todas as expectativas alternativoides – é o Metallica.

SMASHING PUMPKINS

O ano de 1996 foi rico em prêmios e polêmicas para os "abóboras". Fizeram shows agitados no Hollywood Rock, perderam o tecladista e o baterista por uso de drogas, mas em compensação o clip de "Tonight, Tonight" papou os maiores prêmios da MTV gringa.

PARALAMAS DO SUCESSO

Lançaram Nove Luas, um álbum que remete aos primeiros trabalhos da banda, excursionaram pela Europa ao lado de Chico Science & Nação Zumbi e lotaram shows por todo o Brasil

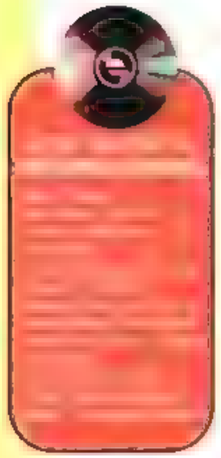
METALLICA

Se você esteve em Marte nos últimos meses, não se espante: estes ao lado são os rapazes do Metallica depois de um banho de loja. Mas eles ainda fazem o mesmo som pesado, que enlouqueceu os espectadores do festival Lollapalooza.

RENATO RUSSO

Ele era o último grande ídolo do rock nacional dos anos 80. Renato mexeu com a emoção dos jovens expondo-se em suas letras e através de entrevistas polêmicas. Renato morreu no dia 11 de outubro, por complicações da Aids.

"Lobão, meu filho, volte a ser louco!"
Rita Lee



PEARL JAM

Depois de dois anos sem lançar disco, o quinteto de Seattle saiu com No Code. Mesmo elogiado, o trabalho não segurou a onda e despencou nas paradas americanas.

TIRIRICA

Seu sucesso não foi atrapalhado pelas oportunistas acusações de racismo. O caboclo continuou fedendo todo domingo no Faustão.

SHOWS

SEPULTURA & BROWN

O grupo de thrash metal chamou pra roda o compositor Carlinhos Brown. O resultado foi "Ratamahta", a primeira letra da banda cantada em português e um som que revolucionou o metal e a música pesada internacional.

"A voz de John Lydon não parece com a de uma velha?"
Billie Joe (Green Day)

SEX PISTOLS

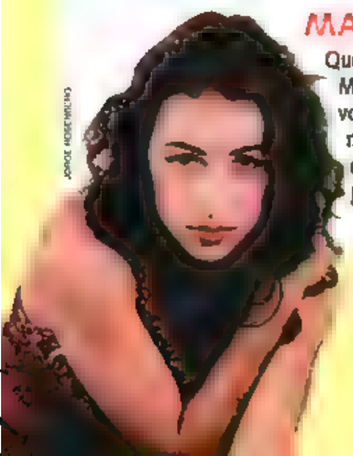
Vinte anos depois da explosão punk, os Pistols anunciaram a sua volta. Pelo mais nobre dos motivos: grana para garantir as aposentadorias.

RAIMUNDOS

O rock paraíba transformou os quatro feiosos de Brasília em símbolos sexuais. Levaram a pauleira a FMs e programas de TV nunca dantes navegados e deixaram sua marca em festivais como o Hollywood Rock e o Monsters Of Rock.

previsões para 1997

A beterraba Chico César será hospitalizada após uma overdose de agrotóxicos. Uma cantora brasileira irá à imprensa jurar de pezões juntos que não é homossexual e que "lésbica é o c@#**, p@^**!" Mãe Dinah vai sofrer um acidente de aviação: despencará do táxi aéreo do Gugu, deixando a boneca do apresentador em pedaços. Aconselhado pelos Pet Shop Boys, Morrissey vai baixar na Bahia em busca de um membro do Olodum. Lourdes Maria, a filha de Madonna, será processada por assédio sexual a Michael Jackson Jr. Indo fundo na viagem roots, o Sepultura gravará com Tiririca "Florentina From Hell", inaugurando o gênero thrash metal. Sting vai estourar com uma regravação de "Message In The Little Mouth Of The Bottle", incluída no disco Red Hot & Ardido, em benefício da Aids. Bichado, Romário abandonará o futebol e será convidado para ser vocalista do Van Halen. Pensando num novo parceiro para o menino Sávio, o presidente do Flamengo, Kleber Leite, vai exigir em troca o passe de David Lee Roth. Serão lançados discos póstumos de Jimi Hendrix, Nirvana e Lobão. Em dezembro, um grande ídolo brasileiro surpreenderá gravando uma música que homenageie as deficientes físicas. Numa virada radical em sua carreira, Dinho vai voltar sob a batuta de um produtor da Vila Nhocuné, fazendo uma releitura dos grandes sucessos do Raça Negra. O cantor Pato Banton virá ao Brasil. O cantor Papa Winnie virá ao Brasil. O grupo Spy Vs. Spy virá ao Brasil. Os Ramones virão ao Brasil, continuando a megaturnê do disco Adios De Nuevo, Amigos. O cantor Pato Banton virá outra vez ao Brasil. O cantor Papa Winnie também virá outra vez ao Brasil. O Spy Vs. Spy virá ao Brasil junto com seis outras bandas australianas. O país tentará fugir. Dando continuidade a seu trabalho de pesquisa de ritmos, Jimmy Page vai chamar Robert Plant à Bahia para gravar uma versão mantra de "A Dança Do Bumbum".



MARISA MONTE

Quem assistiu, assistiu. Quem não viu Marisa Monte em 1996, só daqui a dois anos. Ela só volta em 1999. Só que Marisa ainda teve tempo de mandar Barulhinho Bom, um registro de dois anos de sua turnê vitoriosa, acompanhado de um vídeo para guardar e ver até a fita gastar.

Os fatos que marcaram o ano

Janeiro O tecladista do Smashing Pumpkins, Jonathan Melvoin, morre de overdose de heroína. Dias depois o grupo expulsa o baterista Jimmy Chamberlin, que estava na balada com Jonathan • Phil Anselmo confessa que morreu por cinco minutos ao experimentar heroína • [illegible] Dane, enteado de Max Cavalera, morre num acidente de carro às vésperas da apresentação do Sepultura em Donnington. Andreas Kisser assume os vocais no show • A terceira edição do festival Monsters Of Rock traz gente da pesada como Iron Maiden, Motörhead e Mercyful Fate • O Skank sagra-se o grande vencedor da segunda edição do Video Music Brasil. O clip de "Garota Nacional" fatura prêmios nas categorias Pop e Escolha Do Audiência. **Fevereiro** O rapper 2Pac Shakur é assassinado a tiros em Las Vegas durante uma emboscada • O Smashing Pumpkins fatura a maioria dos prêmios do MTV Video Music Awards pelo clip de "Tonight, Tonight" • Na mesma noite, o Van Halen faz uma aparição surpresa com o vocalista David Lee Roth – que seria defenestrado dias depois • Lou Reed faz sua primeira turnê brasileira • É lançado o derradeiro álbum da Legião Urbana, *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias*. O poeta baiano Ajax Jorge Da Silva processa o grupo Skank por plágio. Ele alega para si a autoria de seis letras do grupo mineiro – entre elas, o megassucesso "Garota Nacional" **Março** Renato Russo morre em decorrência da Aids • Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá anunciam o fim da Legião Urbana • O Free Jazz Festival traz ao Brasil Isaac Hayes, George Clinton e Björk • Nasce Lourdes Maria, primogênita da Madonna • Alanis Morissette se apresenta no Rio e em São Paulo e participa do seriado global Malhação. **Novembro** Slash deixa o Guns N' Roses • Nasce Joanna, filha do baterista Igor Cavalera • Michael Jackson diz que vai ser papai. A [illegible] é a enteada Debbie Rowe, de 37 anos.

Eternos baianos

O grupo reunido no sítio em Jacarépaguá, pouco antes da saída de Moraes Moreira: repare como todos estão de cabeça baixa

Pode ser obra do acaso. Ou ação das forças e movimentos que Baby do Brasil – Consuelo, para os saudosistas – enxerga em seu dia-a-dia. O fato é que, depois de sacudirem os anos 70 adicionando o tempero do rock à MPB e vivendo a utopia de uma comunidade alternativa, os Novos Baianos passam hoje por uma fase de renascimento. Suas composições são o destaque do vídeo e dos shows de Marisa Monte (cujo baixista, Dadi, tocou no grupo); o clássico *Acabou Chorare* foi eleito um dos dez melhores álbuns de MPB dos últimos 30 anos, segundo pesquisa do diário paulistano *Jornal Da Tarde*. Também estão em pauta uma biografia da banda, *Anos 70 – Novos E Baianos*, escrita com total conhecimento da causa pelo poeta e letrista Luiz Galvão, além de planos de um disco tributo. Coisa de louco. »

A herança musical dos Novos Baianos está tinindo e trincando

por SÉRGIO MARTINS

Bola e Gato Felix, travestidos de mulher, zoam com Marinho Chagas e Jorge Ben

Capa do álbum *No Final Do Juízo*

Pepeu, Baby, Marília Aguiar, Dadi e Luiz Galvão

A hora da pelada era sagrada para os Baianos

Baby, Dadi e Pepeu gravam o clássico *Acabou Chorare*. As primeiras imagens de Moraes Moreira e Galvão

As visitas noturnas de João Gilberto mudaram a sonoridade dos Baianos

Como também era louca certa manhã de 1967, na pensão de dona Maritó, em Salvador, quando o poeta Galvão baixou por lá. [illegible] O encontro entre os dois é o primeiro passo para a formação dos Novos Baianos. A dupla transformou-se num trio com a entrada de Paulinho Boca de Cantor. Ex-*crooner* de orquestra e recém-saído do grupo Avanço, Paulinho foi recrutado depois de Moraes e Galvão se encantaram coma voz do rapaz.

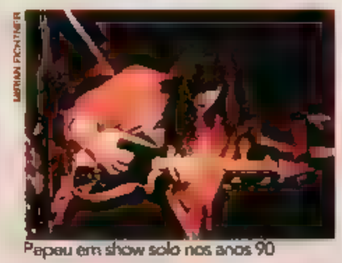
Em 1969, Pedro Anibal Gomes tinha no currículo uma passagem de três anos na banda de Eduardo Araújo e tocava baixo nos Leif's. O grupo chamou a atenção de Gilberto Gil, a um passo do exílio. "Ele queria que o Leif's acompanhasse ele e o Caetano no show *Barra 69* (*o concerto arrecadou fundos para Gil e Caetano tocarem a vida no exílio*). Eu concordei, com a condição de poder ir morar na casa dele", lembra Pepeu. Foi na casa do compositor baiano que Pepeu entrou em contato com a música de Jimi Hendrix. "Ele me mostrou o álbum *Smash Hits*, do Hendrix. Eu pirei com aquilo. A partir daquele momento, meu instrumento passou a ser a guitarra."

Quase na mesma época, a carioca Bernadete Dinorah de Carvalho Cidade deixou Niterói e se mandou para Salvador. Pegou um ônibus para Salvador com a amiga Ediane, às vésperas de seu aniversário de 17 anos. Os amigos – profeticamente – deram de presente a ela um microfone.

Em Salvador, Bernadete protagonizou um *western spaghetti* que Giuliano Gemma fez por lá – "nem me lembro o nome. O Bola (*percussionista dos Novos Baianos*) disse que assistiu ao filme um dia desses" –, morou embaixo de uma ponte e encontrou Pepeu – por quem já havia se apaixonado durante o concerto *Barra 69*. "Eu andava na rua quando dei de cara com a Baby, com um baita de um espelho na testa. Perguntei o porquê daquilo e ela respondeu: [illegible]

O quinteto reunido produziu seu primeiro espetáculo, *O Desembarque Dos Bichos Depois Do Dilúvio Universal*. Na época, eles ainda não se chamavam Novos Baianos (o nome foi dado mais tarde, em São Paulo, quando um produtor mandou um "chama aí os Novos Baianos"). Baby sequer cantava. Descobriu essa vocação ao substituir a vocalista da banda, que havia dado um furo.

Baby e as pimpolhas (da esq. para dir.): Sarah Shiva, Nanashara e Zabelê



Pepeu em show solo nos anos 90

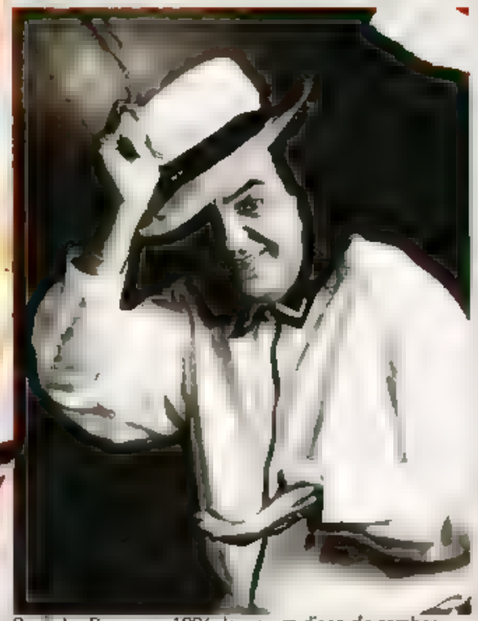
A vida nômade da banda teve início no mesmo ano. Baby, Galvão, Moraes e Paulinho mudaram-se para São Paulo. Pepeu Gomes montou uma banda com Odair Cabeça de Poeta e foi pro ABC paulista – eventualmente eles dormiam numa mansão alugada pela trupe, no bairro paulistano do Chora Menino. O grupo ganhou a adesão de vários tipos, como o dançarino Gato Félix, o percussionista Bola (filho de um diretor da Kibon, ele supria os esfaimados Baianos com uma provisão de sorvetes de chocolate) e quem mais pintasse.

Em São Paulo veio o início das repressões que marcaram a carreira dos Novos Baianos. Viciados injetavam-se no jardim e deixavam as ampolas à mostra, para incriminar o grupo; a vizinhança reclamava dos galanteios do pessoal às meninas do bairro e a polícia dava batidas sem dó. Eles fugiram da cidade para, andanças depois, se reencontrarem numa cobertura em Botafogo.

A fase carioca foi o começo do sonho novo baiano. A sala era reservada às partidas de baba – jogo de »

Os Novos Baianos se dividiam entre a música e o futebol

Moraes vive no mesmo sítio que pertenceu ao grupo



Paulinho Boca, em 1996, lança um disco de sambas

futebol, na linguagem do grupo. Paulinho e a mulher, Marília Aguiar, tinham um quarto só deles: Baby e Pepeu dormiam numa cama pendurada no teto, na varanda do apartamento, Galvão se apertou dentro de um armário embutido e os outros se viraram em cabanas apertadas em vários cômodos. A banda havia estreado o show *Novos Baianos No Final Do Juízo*, inspirado na *Bíblia*. No show, todos vestiam roupas com temas bíblicos. "O Moraes usava uma fralda, demorava horas para colocar", lembra Marília. Foi em meio a essa loucura que o baixista Dadi entrou na banda. "Meus pais ficavam super- grilados", lembra Dadi. "Eu levei o Galvão para jantar com meu pai e o Galvão passou a refeição inteira glorificando a droga." *Juízo Final* ainda tinha um happening depois do espetáculo. O grupo e alguns convidados se reuniam na Floresta da Tijuca para fazer a cabeça. "Um dia baixou a polícia no local e tivemos de fazer uma vaquinha para os caras não prenderem a gente", lembra Dadi.

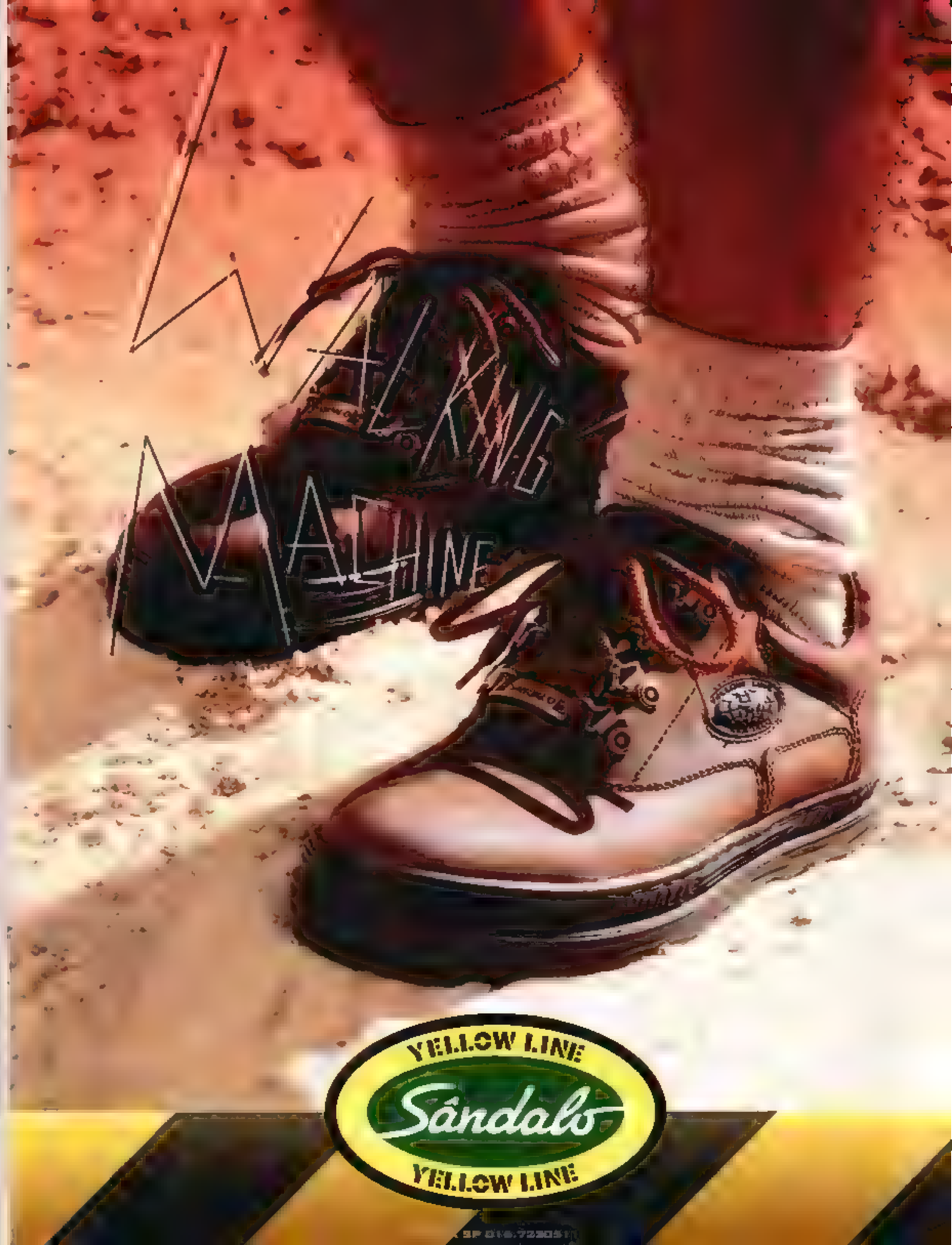
O grupo estava em sua fase mais roqueira quando recebeu a visita de João Gilberto. Conterrâneo de Galvão – ambos nasceram no Juazeiro baiano –, João mudou a concepção do som dos Novos Baianos, mostrando a eles um repertório de sambas.

"Ele pedia para olharmos dentro de nós", recorda Moraes. A doutrina de João foi essencial para o álbum *Acabou Chorare*. Os Baianos recriaram um regional de cordas, regravaram "Brasil Pandeiro", de Assis Valente, temperaram a doçura de "Preta Pretinha" com a *parra-louquice* de "Tinindo Trincando". O grupo mudou-se para um sítio em Jacarepaguá. O local foi o apogeu do estilo de vida pregado pelo grupo. Gente como Cafuringa, Jairzinho e Fagner eram habituês em disputadas partidas de futebol. Tudo era da comunidade: o dinheiro ficava guardado num saco atrás da porta. O clima de felicidade desembocou em outro álbum clássico, *Novos Baianos F.C.* (1973).

O sonho baiano começou a dar para trás em 1975, com a saída de Moraes Moreira. O parceiro de Galvão reclamava da necessidade de compor. Queria ter seu próprio canto ao lado da mulher Marília e dos filhos. Prestou-se a visitar o sítio todos os dias. Mas Galvão – que tinha uma liderança natural sobre o grupo – disse não. "As pessoas davam importância demais ao Galvão", recorda Dadi, que sairia depois de *Alunti* (1975). Seu substituto foi Didi, irmão de Pepeu.

Os Baianos voltaram para São Paulo. O som da banda, por sua vez, ganhou uma sonoridade mais roqueira sob a direção de Pepeu Gomes. "Mas eu senti que a magia tinha ido embora. Os filhos cresciam, queriam ter coisas como sofá, brinquedos etc, que para gente nunca fizeram falta", observa Marília. O último suspiro da turma foi *Farol Da Barra* e saiu em 1978. A contracapa mostra uma situação ilusória: Baby e Pepeu, já em processo solo, posam ao lado do grupo.

Hoje os Novos Baianos sentem bafejar novos ares de sucesso. Moraes lançou o ótimo *Estados* e produziu o álbum *Todos Os Sambas*, de Paulinho Boca. Baby, depois de dez anos sem gravar, assinou com a BMG-Ariola e promete um novo álbum ainda este ano. Pepeu está à procura de gravadora e Dadi arrebenta na banda de Marisa Monte ao lado de Davi Moraes, filho de Moreira. Para quem acha que o sonho não acabou, o ressurgimento dos Baianos é divino, maravilhoso.



A Valda agradece as bandas que participaram
do Fest Valda Rio 96
fest
VALDA
Alerta de música
ano que vem tem mais!
VALDA
VALDA
Patrocínio
Exclusivo

a burrada do VAN HALEN

Depois da demissão de Sammy Hagar e do fracasso da volta de David Lee Roth, a banda recomeça com o vocalista do Extreme

"Como eu queria jamais ter convidado Dave para gravar conosco de novo. Que idéia mais estúpida", arrepende-se Eddie Van Halen, recostado na mesa de som do estúdio de gravação 5150 – anexo à sua casa, na Califórnia.

Às vésperas do lançamento de *Best Of Van Halen – Volume 1*, o primeiro álbum de grandes sucessos do grupo, com duas novas faixas gravadas pelo antigo vocalista David Lee Roth – "Can't Get This Stuff No More" e "Me Wise Magic" –, Eddie está com olheiras e reclama de dores no quadril direito. O mau estado físico reflete o furacão de atividades e intrigas que passou pela banda nos últimos quatro meses.

Em junho, o vocalista Sammy Hagar se desligou da banda alegando ter sido demitido pessoalmente por Eddie. Motivo: intransigência. "Eu não fazia o que ele queria que eu fizesse", detalhou Sammy, numa entrevista. Em questão de dias, o Van Halen corrigiu a informação: na verdade, Hagar teria pedido demissão. Reconvocado às pressas, David Lee Roth – o cantor original da banda, que se desligara em 1985 para perseguir uma carreira solo mal-sucedida, transformando-se em inimigo feroz dos ex-colegas – cantou nas duas novas faixas e participou dos dois videoclips correspondentes.

Mas bastou uma aparição no MTV Music Video Awards para a festa acabar. O vocalista rompeu com o Van Halen, declarando que não tinha sido convidado a reintegrar a banda permanentemente (ao contrário do que lhe haviam proposto de início), e que tinha sido "engrupido" para participar de "um golpe publicitário" crasso, com objetivo exclusivo de badalar o disco de maiores sucessos.

O caldo engrossou ainda mais quando, ao mesmo tempo, começaram a circular os rumores de que a vaga de vocalista do Van Halen seria, enfim, preenchida por Gary Cherone, do Extreme. Mais: falava-se também que o cara só não havia entrado antes no VH porque estava preso a um contrato com a A&M Records, o que impedia sua adesão imediata ao grupo.

No final das contas, Garv saiu fora do Extreme a tempo do Van Halen anunciar que, sim, o cantor de "More Than Words", é definitivamente o novo vocalista da banda. "Ele é como um irmão", define Eddie. "E não sofre de LSD *(lead singer disease/doença de vocalista)*", completa referindo-se a gogós que vêm acompanhados de egos gigantes.

Quanto ao caso David Lee Roth, Eddie é taxativo. "Não foi um golpe publicitário", refuta. "Ninguém do Van Halen, nenhum dos nossos »

"Perdi a cabeça com o Dave. Da próxima vez, parto pra cima e dou-lhe um chute no saco"

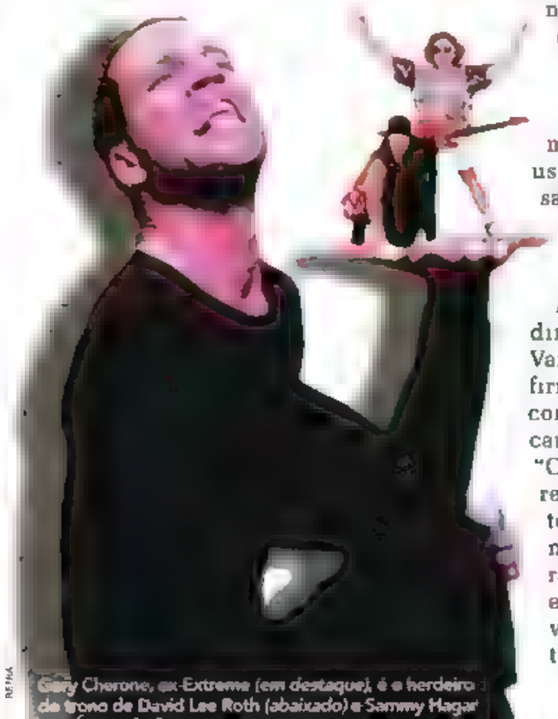
Eddie Van Halen

empresários mencionou a ele – ou ao público – que David seria uma substituição permanente. Está lá na primeira carta à imprensa que emitimos. 'Estamos no estúdio gravando duas faixas para o álbum de maiores sucessos e procuramos um vocalista fixo'", esclarece e continua sua defesa. "Nunca menti para David. Acontece que, quando subimos no palco na festa da MTV, fomos saudados com uma ovação de pé e ele achou que iríamos dizer: 'Ok, você está dentro'. Mas não fizemos isso. Eu não quero voltar ao passado. Pelo menos não agora. Talvez daqui a dez anos a gente faça uma reunião."

Hipótese, convenhamos, pouco provável, admite Eddie. "Dave acaba de fechar a porta para que isso aconteça. Não quero ter mais nada com ele. Pensei que fôssemos amigos. Ele mesmo disse, no estúdio: 'Pô, mesmo que isso não passe de amanhã, voltamos a nos entender.' E isso foi a primeira coisa a ser jogada no lixo: nos bastidores da MTV ele cagou na minha cabeça. Uma semana antes, tínhamos nos reunido para acertar o que iríamos dizer... Sabíamos que a imprensa ia cair em cima da gente. E Dave disse: 'Vamos contar a verdade. Porque aí ninguém precisa decorar as mentiras para não esquecer na hora H.' E a verdade era o quê? Que tínhamos gravado duas músicas novas e que a Warner queria que fizéssemos dois clips para elas. Não existia nada além disso. Mesmo querendo, não poderíamos excursionar, porque vou operar a bacia dia 16 de dezembro e o tempo de recuperação de uma cirurgia dessas é de três a seis meses."

Chega de pau: Eddie Van Halen agora quer paz

O barraco na MTV foi feio mesmo. "Cheguei para ele e disse: Pô, Dave, o que é que há? Você estava tão feliz e agora ficou puto... E ele: 'Hoje, a estrela sou eu, não é a sua bacia.' Engoli o sapo e disse que na entrevista seguinte, Alex e eu íamos ficar calados. E ele, de novo: 'Melhor para vocês.' Aí, perdi a cabeça, parti para cima dele e avisei: na próxima vez que vier falar assim comigo, é bom que esteja usando um protetor no saco, porque vou lhe dar um chute tão forte nos bagos que você vai desmaiar."



Gary Cherone, ex-Extreme (em destaque), é o herdeiro do trono de David Lee Roth (abaixado) e Sammy Hagar

Apesar dos desentendimentos, os planos do Van Halen permaneceram firmes: gravar dois clips com Roth. Mas o maluco cancelou na última hora. "Os chefões da Warner se reuniram com Dave para tentar convencê-lo, mas não conseguiram. Agora ele está proibido de entrar no prédio da gravadora", diz o guitarrista. Para Eddie, Dave sofre de paranóia. "Ele acha que Alex o está tratando mal. Pô, o cara está em meio a um divórcio, e, naturalmente, não passa por um dos períodos mais felizes de sua vida", pondera. A neura de Dave rolou também com o empresário. "Ele lhe propôs um adiantamento de 500 mil dólares e um carro novo da Nissan, mas Dave recusou, pedindo participação na vendagem do disco. Se antes do trabalho começar, as coisas já estavam assim... Qual seria seu próximo passo? Exigir que Alex e Mike saíssem da banda e que só sobrassem ele e eu?", pergunta indignado. "Dave tem algum parafuso solto", completa, girando o dedo indicador em torno da orelha esquerda. Mesmo assim, lembra dos bons tempos.

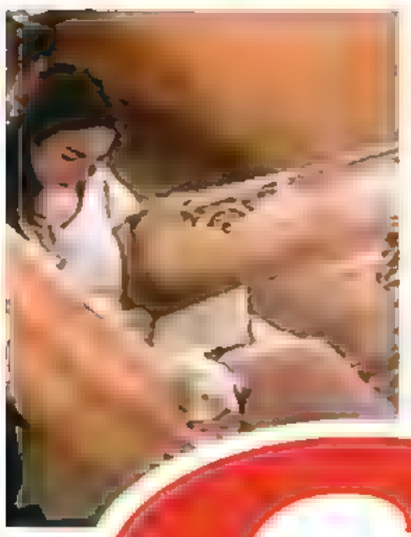
"Tivemos momentos muito felizes, fizemos ótimas músicas, e, acredite, respeito o Dave e o Sammy. Não entendo por que eles mentem dessa maneira, me fazendo parecer um cabeça-dura? Mas com Gary na banda, tudo isso vai passar...", diz, esperançoso. E finaliza: "Foda-se!!! O passado Vai ser irrelevante", promete.

Carioca do Sucesso

Musa do clip "La Bella Luna", dos Paralamas, Carolina Sá vem arrebentando também em outras praias

Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone correram feito loucos atrás dela. Tudo por conta da gravação sem cortes do clip da música "La Bella Luna", do álbum *Nove Luas*, dos Paralamas do Sucesso, no qual Carolina Sá é a camponesa que dá um tom todo especial às imagens. Gravado numa casa de sítio perto de Búzios, no Rio, o clip tem a câmera ligada o tempo todo e a filmagem se deu no mesmo tempo em que a música rolava no CD. "Foi uma loucura!!! A gente não parava de correr, era um tal de eu sair pela janela da sala e o Bi entrar pela do quarto... Acabei ficando mais perto do Herbert, porque começamos a gravar juntos na cozinha", lembra Carolina

O responsável pelo ritmo frenético das imagens chama-se Andrucha, o diretor do clip. Foi ele também quem chamou Carolina para pintar na fita. "Ela tem uma postura muito pura e interpreta de uma maneira supersuave. Carolina deu um ar maravilhoso para o clip. Nem cheguei a cogitar outra pessoa", diz o videomaker, revelando ter juntado a fome com a vontade de comer. »



Ela adora Novos Baianos

os Paralamas são seus ídolos de infância:

"Foi uma honra trabalhar com eles"

Além de ser modelo, bonita e talentosa, a carioquíssima Carolina é *brother* da galera da Conspiração Filmes, a produtora do clip, e encara sua participação em "La Bella Luna" como um delicioso encontro de amigos em que aproveitou pra conhecer seus ídolos da infância. "Sempre ouvi os Paralamas, foi uma honra poder trabalhar com eles. Adorei!!!", diz, radiante.

Hoje com 21 anos, Carolina foi descoberta pelo *Jornal do Brasil*, quando tinha 17, e eleita a musa do verão carioca de 1993. A partir daí não deu para escapar da carreira de modelo, embora ela não gostasse da idéia. "No começo eu tinha um certo preconceito, mas depois me concentrei em dois objetivos: viajar e ganhar dinheiro", conta, decidida. Sem titubear, Carolina revela também que tem um bom conhecimento musical. Ela curte bossa-nova desde criança e ouve Novos Baianos todas as manhãs. "Mas sou eclética musicalmente: gosto também de Chico Science, Titãs, Rolling Stones e Billie Holiday. Agora estou numa fase Jackson 5", diz, apressada. Tudo a ver, aliás, com a trip *fashion* televisiva na qual Carolina se meteu desde abril deste ano. A carioca é a apresentadora do *MTV Moda Esporte Clube*, programa que vai ao ar sempre na última terça-feira de cada mês, às oito e meia da noite. "A gente já conhecia a Carolina pelas pequenas participações que ela fez no *MTV A Go-Go (antecessor do* Moda, *apresentado por Rita Lobo)*. Ela se encaixou perfeitamente no que queríamos", diz o diretor do programa Ricardo Ostrower. A rasgação de seda é recíproca. "O programa é ótimo! Pegou as coisas legais do *House Of Style*, da MTV americana (*que conta com reportagens especiais feitas por Cindy Crawford*), e fez uma antropofagia *(!!!)*", diz, cheia de moral.

Quanto a supermodel concorrente... "Ela é bem esperta e continua bonita... Apesar da idade...", alfineta.

MTV ao vivo

ele fala!!!

Há três anos sem dar entrevistas, George Michael finalmente solta o verbo

A MTV conseguiu: depois de três anos sem falar para câmeras de TV, George Michael topou fazer um entrevistão de meia hora para a MTV Europa **No Brasil, você confere a lábia de George no dia 20 de dezembro, às oito e meia da noite.** E mais: num dia praticamente dedicado ao cantor, vê ainda um arquivo dando uma geral em toda a carreira do ídolo *(leia mais no quadro ao lado)* às 19h15 e um *MTV Unplugged* inédito, às nove da noite

Tanto tempo sem falar, obviamente, deu muito pano pra manga Na entrevista, Georgios Kyriacos Panayiotou (seu nome de batismo), 33 anos, abre a boca para abordar assuntos como brigas, sua carreira bem-sucedida e discursa também sobre as vantagens e desvantagens da fama. O caso com o brasileiro Anselmo Feleppa, morto em decorrência da Aids, em 1993, não é citado pelo cantor.

Gravada em Londres no dia 13 de outubro, o programa mostra todo ressentimento do cantor com sua ex-gravadora Sony Music: "Para eles não importava o quanto eu já tinha vendido, só pensavam em dinheiro. Não souberam entender quando eu não quis fazer a promoção de *Listen Without Prejudice*, nem participar de clips." George é categórico: **Não acho que dar entrevistas seja de grande valor. Não gosto de me expor desse jeito. A música tem que falar por ela mesma"**, defende. E continua explicando o sumiço: "A minha idéia não era me trancar dentro de uma concha, mas fui persuadido a isso."

Dois dias antes e bem melhor humorado, George gravou o acústico em Londres para uma platéia de 400 pessoas – entre amigos, família e fãs escolhidos a dedo por ele. Mais relaxado, saúda o público assim: "Como vocês estão se sentindo nesse lugar maravilhoso?" Referência ao belo cenário montado pela TV. Durante uma hora e meia, ele canta 13 músicas. O repertório inclui sucessos desde a época do Wham! até o último álbum, *Older*. Uma banda de nove músicos acompanha o cantor, que ao contrário do que ele mostra no clip da música "Fast Love" (já em exibição na MTV Brasil), contém o rebolado e fica sentado num banquinho o tempo todo. O estilo João Gilberto, possivelmente adotado desde que gravou "Desafinado" para o disco beneficente *Red Hot + Rio*, conta ainda com George vestindo terno, camisa e gravata pretos. A diferença básica está no seu tradicional cavanhaque cerrado, adornando seu rosto anguloso.

Segundo informações que rolam na página do cantor na Internet, a performance desplugada provavelmente sairá em vídeo e será lançado junto com o álbum *MTV Unplugged*. "O público americano adora", comemora antecipadamente. Mas dá pista que vai voltar a fechar a boca. "Não vou fazer aquela maratona de promoção que a maior parte dos artistas faz, quando lança esse tipo de trabalho. Sei que devem encher a minha paciência e sei também que vou ter de arcar com as consequências... Mas, tudo bem, estou acostumado com esse tipo de coisa", finaliza, cheio de rancor.

Além da entrevista, George Michael brilha também num *Unplugged* inédito

Arquivo George Michael **abre o pacote sobre o cantor que vai ao ar no dia 20. Produzido pela MTV Brasil, resume os melhores momentos da carreira do ídolo com trechos de entrevistas e com os clips que marcaram a sua trajetória. "É uma videografia", resume Cris Lobo, gerente do departamento de produçao. Paulo Marchetti, diretor do programa, explica melhor: "Reunimos trechos do *Rock História* (que foi ao ar em setembro de 1994), quando George falou a respeito da sua adolescência e sobre o começo da carreira. Há também uma parte reservada para a briga dele com a Sony e depoimentos de Paul McCartney e Bon Jovi, sobre a época em que George queria sumir." O cantor ainda comenta sua participação histórica no show tributo a Freddie Mercury, quando cantou "Somebody To Love", com o Queen, em 1992.**

(De cima para baixo) George Michael em vários momentos da carreira: na época do Wham!; em *Faith*; ao vivo no Rock In Rio II, em 1991, e atualmente

ONZE PERGUNTAS

Gilberto Gil

por SERGIO MARTINS

Envolvido num documentário sobre a sua vida, o baiano fala dos amigos, do seu site na Internet e revela detalhes do novo disco

Como vão as gravações do novo disco? Ele já tem nome?
Sim, vai se chamar *Quantas*. É uma referência à mecânica, quena recuperar o encontro entre o homem e a ciência. As gravações começaram em agosto do ano passado. Interrompi e agora retomei os trabalhos, em outubro.

Você já tinha algumas composições prontas, como "Guerra Santa" (*que narra o chute dado pelo bispo da Igreja Universal Sergio Von Helde, numa imagem de N. Sra. Aparecida*). Ela entra no disco?

Sim, ela vai estar em duas versões. Uma que entrou no CD festivo do Hollywood Rock e outra com levada mais funk. Também compus "Pela Internet", que é uma atualização do samba "Pelo Telefone" *(considerado o mais antigo do Brasil)*. É um disco duplo, tem 25, 26 musicas.

Por falar em Internet, a quantas anda o seu site?

Está indo bem, obrigado. Outro dia eu recebi uma mensagem que me deixou emocionado. Vinha de um designer grafico americano. Ele falou que era um dos melhores sites que já havia visitado.

Você também é tema de um documentario, que será exibido em dezembro pela rede a cabo HBO. Como rolou o convite?

Foi uma ideia de Fiora *(mulher de Gil)* e dos meninos da Conspiração Filmes *(que trabalhou em clips de vários artistas nacionais, entre eles do proprio Gil)*. Acho val do que os artistas com um certo acervo, como eu, tenham um documentário longo e aprofundado.

O que mais impressionou você nesse especial?

Gostei muito da informalidade – quase todos os numeros são improvisados. Ao mesmo tempo o documentario é barroco como a minha fala, foi feito para interessados. É um documentário com vida publica.

O filme tem alguma participação especial?
Meus convidados são todos relacionados à Bahia. Tem, entre outros, Jorge Amado – interessadissimo em exaltar a Bahia – e Caetano Veloso. Este é um amigo muito próximo. De dez convites que eu faço a Caetano, ele aceita nove.

Por falar em revisão de carreira, o que você achou da versão de "Cérebro Eletrônico", gravada por Marisa Monte no album *Barulhinho Bom*?
Adorei. Eu acho muito importante esse trabalho de restauraçao que a Marisa faz com a MPB. Ela estava em pauta para participar do especial da HBO. Só não entrou porque decidimos fechar o foco na Bahia.

O que você tem ouvido ultimamente?
Eu nao tenho escutado nada por causa das gravaçoes do disco. Mas eu gosto muito das meninas. Zelia Duncan, Adriana Calcanhoto – adoro a maneira de a tratar o violão – e a Cassia Eller. Esta eu ouço em casa, gosto do timbre da voz dela, do repertorio.

Recentemente, outra menina, Belô Velloso, sobrinha de Bethania e Caetano, lançou um disco. Você ouviu?
Ah, sim, eu gostei muito do trabalho dela. A Belô havia me pedido uma versão de uma musica do Stevie Wonder. Só que acabou não entrando.

Qual musica?
Rapaz, eu não me lembro muito bem. Era algo do jovem Stevie Wonder... Nao me recordo.

Você esteve envolvido em manifestações culturais nos ultimos 30 anos. Seria Gilberto Gil o grande incentivador da MPB?
Sinceramente, não. Acho que tem gente mais importante do que eu, como Chico Buarque e Caetano Veloso. É claro que eu tenho um certo destaque, mas prefiro não falar. Como o proprio Caetano diz, eu sou um inventor que nao registra patente.

Não é para esportistas, é para fanáticos.

Cada vez mais brasileira

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Importado

A embalagem seria perfeita para um disco de Genival Lacerda e seu forro recheado de mamacia. Talvez Marisa Monte quisesse parecer mais popular na capa e no encarte de *Barulhinho Bom – Uma Viagem Musical*, mas o máximo que eles provocam é estranhamento. O que é que as pré-históricas revistinhas de sacanagem de Carlos Zefiro tem a ver com ela ou com o disco?

Fora o visual, não faltam coerência e sofisticação ao quarto álbum de Marisa. O primeiro disco traz três canções inéditas do criativo Carlinhos Brown e covers bem sacadas de Cérebro Eletrônico (Gilberto Gil em 1969), Chuva No Brejo (Moraes Moreira, 1975) e Tempos Modernos (Lulu Santos, 1981). O segundo disco é ao vivo e reúne versões mais buriladas de canções já gravadas por Marisa e em mais de outras covers como Panis Et Circensis (Gil e Caetano, 1968) e A Menina Dança (Moraes e Galvão, 1972).

Depois do ecético álbum de estréia, passando pelas parcerias com Arnaldo Antunes, Nando Reis e Brown, Marisa chega a seu disco mais brasileiro. Ela viaja pela MPB das últimas três décadas (na rota Tropicália – Rock Brasil anos 90), mostrando que amadureceu como cantora e intérprete. Quanto às sacanagens de Zefiro, será que ela só anda pensando naquilo? *Carlos Calado*

Soltinha "numa nice"

Alguns momentos do vídeo *Barulhinho Bom* são dignos de fitas caseiras. Como o *hang loose* sacado por Davi Moraes numa cena no aeroporto. Os diretores são Luiz Buarque de Hollanda e Cláudio Torres, velhos amigos de Marisa; que está soltinha, feliz com os convidados que reuniu e o sucesso que lhe bafeja incessantemente.

O início da fita, com Marisa cantando "Tempos Modernos" contra a luz, anuncia o show de fotografia de Breno Silveira, premiado no Video Music Brasil, da MTV, pelo clip "Lourinha Bombril", dos Paralamas. A edição de Sérgio Meckler, também ganhador do último VMB, é moderna e picadinha. Marisa aparece sempre maravilhosa, radiante, comandante. Menos quando entra Carlinhos Brown. Aí ela reverencia. Fenomenais são as pastoras da Velha Guarda da Portela em "Quantas Lágrimas", os acordes perdidos do violão de Raphael Rabello, a boa forma física e vocal de Baby Consuelo. *Barulhinho Bom* é Marisa Monte no auge, curtindo com os amigos, sem explicar nada e fazendo a cabeça "numa nice." *Felipe Zobaran*

J. QUEST
J.Quest
Chaos/Sony Music

Pesquisando as joias disco

O argumento não poderia ser mais inverossímil: cinco branquelos mineiros que partiram para a *disco* sem mesmas palavras ou "fusões" em plenos anos 90. O vocalista canta quase o tempo todo em falsete, uma guitarra em estado funk e o baixo em primeiro plano. Tudo isso poderia soar estéril não fosse o J. Quest uma boa banda e, principalmente, não fosse Dudu Marote um grande produtor. Dudu extraiu ótimos resultados de composições próprias com forte sotaque *disco*.

Há bons momentos, como o hit de Hyldon, "Dores Do Mundo", a climática "Sem Sentido" e a hiperdançante "Há Quanto Tempo" com especialíssima participação de Tony Tornado. Entre os excessos, temos citações dispensáveis como a guitarra ubíqua de Prince em "Kiss" e a não-creditada "Got To Be Real" em "Encontrar Alguém". Mas são detalhes que não empenam o brilho do álbum. *Paulo Vieira*

MAXWELL
Maxwell's Urban Hang Suite
Columbia/Sony Music

Certa noite nos anos 70

Maxwell é um cara abusado. Aos 23 anos, ele fez um disco de gente grande e com uma sonoridade fiel à soul music produzida nos anos 70 – com chados de LPs em vinil e a guitarra mágica de Wah Wah Watson, responsável pelos efeitos psicodélicos nos álbuns dos Temptations.

Maxwell's Urban Hang Suite conta a história de uma noitada bem-sucedida do protagonista. E dá-lhe temas instrumentais, saxofones de motel, baixão estalando nos ouvidos, guitarras sungadas e uma enxurrada de baladas. A melhor é "Till The Cops Come Knockin'", cuja batida hipnótica não faz feio nos bailes charm e muito menos num embalo a dois. Maxwell também produz grooves para chacoalhar o esqueleto. Basta conferir as belas "Sumthin Sumthin" e "Ascension".

Alguns comparam o disco desse rebento do Bronx com o conceitual *Here My Dear* de Marvin Gaye. Puro exagero. Mas pelo que Maxwell mostra em *Urban* ele ainda vai dar o que falar. *Sérgio Martins*

CHAKADEMUS & PLIERS
Every Kinda People
Island/PolyGram

Um morde, outro assopra

Pode chegar à Jamaica e pedir um disco de uma dupla que você não corre o risco de ouvir dois caras desafinados e com cabelos engomados. Rola uma pororoca musical o encontro de um DJ e um cantor, o primeiro dando agressividade e o segundo injetando alma (soul) na música. A combinação foi testada e aprovada nos melhores bailes de todo o mundo.

A frente dos laureados, estão ChakaDemus (DJ) e Pliers (cantor), a dupla mais bem-sucedida da atualidade. Os caras lançaram *Every Kinda People* produzido, curiosamente, por outra dupla consagrada, Sly & Robbie, famosos por algumas das mais pesadas linhas de baixo e bateria ouvidas no reggae.

O disco une com sangue as vozes encaixadas de ChakaDemus & Pliers e não perde a dinâmica em momento algum, dando hiphop ao dancehall ("Searching") e fazendo dançar com charme e atitude ("What's The Move"). Um achado: "Every Kinda People", que mistura o balanço do R&B com o som das steel bands caribenhas. *Carlos Albuquerque*

PSYCHOTIC YOUTH
Small Wonders
Zone/Natasha

O negócio deles é mulé

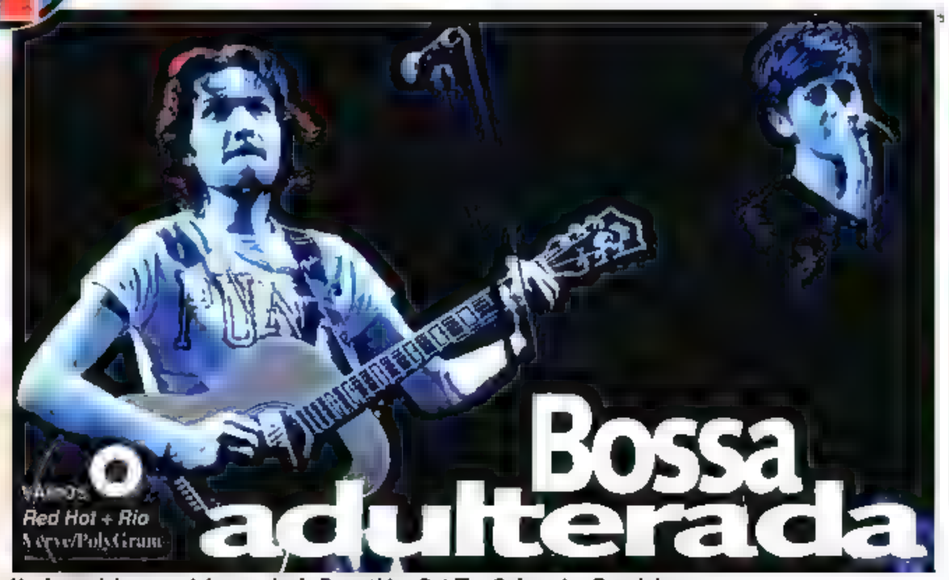
New wave? Punk, bubblegum? Em algum lugar entre essas duas coisas, abancou-se este grupo sueco. Sim, ele foi fundado desde 1984 e você viveu bem até agora sem saber de sua insignificante existência. Mas esta mutação de Ramones com The Knack segue bem a cartilha das melhores influências do mundo (punk de garagem dos anos 60) e leva a diversão a sério. Quase todas as 23 músicas desta coletânea baseiam-se em temas derivados do priapismo adolescente masculino heterossexual (ou seja, como dirna Zé Trindade, o negócio é *mulé*). E eles ainda têm a cara-de-pau de gravar uma cover de "Japanese Boy", hit *mêive* da cantorinha Aneka (eca!). *Pedro So*

A praia de todas as tribos

O disco se chama "Musica Para Nossa Mãe: O Oceano" tem foto de foca machucada capinha de papel reciclado e tem endereços de organizações de preservação ambiental. São tantas bandas boas reunidas nessa coletânea da Surfrider Foundation que *rockers* de todas as tribos têm motivos para gostar do álbum. O destaque inevitável é o Pearl Jam que grava "Gremmie Out Of Control", uma preciosidade de surf music perpetrada pelo Silty Surfers em 1964. O surfista Eddie Vedder canta com costumeira garra e arrebata o ouvinte.

Outra paulada é o Helmet reconstruindo "Army Of Me", de Björk. As sutilezas vocais da cantora foram substituídas pelo peso siderúrgico do Helmet, que acaba criando uma peça de dance music versão porrada. Os outros convidados fazem um "quem é quem" do rock atual. Entre os veteranos, há Porno For Pyros (aqui, mais pesado do que de costume), Beastie Boys (num momento meloso), Ramones (sempre eles), Primus, Brian Setzer (em seu atual estilo big band) e Soundgarden. Entre os mais novos, marcam presença 7 Mary 3, Reverend Horton Heat e Silverchair. Comprar um discão desses é muito mais legal do que sair com saquinho de lixo pela praia catando lixo dos tarolerios. *Thales de Menezes*

O Helmet dá sua contribuição praieira com "Army Of Me", de Björk



Um banquinho, um *violau* e a dupla Everything But The Girl recriou Tom Jobim

O que se poderia esperar de formações tão geniais como Caetano com Cesaria Evora e Ryuichi Sakamoto, David Byrne com Marisa Monte e George Michael com Astrud Gilberto, para interpretar clássicos de Tom Jobim e afiliados? Certamente muito mais do que este CD.

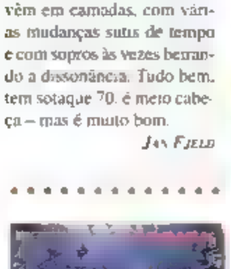
Parece que ninguem quis perder muito tempo com este projeto beneficente, cujos *royalties* e direitos autorais reverterao em fundos para o combate à Aids. O "Desafinado" de George Michael e Astrud é cantado sobre uma base que parece karaokê. Os sintetizadores *high tech* de Sakamoto transformaram "É Preciso Perdoar", um samba dor-de-cotovelo de uma leveza clássica, num bate-estaca marcial. Byrne e Marisa eletrificaram "Aguas De Março", com samples, guitarras esquizoides e Arto Lindsay na produção. E tem coisas piores: o amorfo "Black Orpheus Dub", de Mad Professor, Tom Jobim com Sting em "How Insensitive" e Incognito com Omar e a cantora brasileira (lamentavel) Ana Caram na versao *funky* de "Agua De Beber".

Salvam-se Gilberto Gil (uma hipnotica "Refazenda"), Cazuza e Bebel Gilberto (a comovente demo tape de "Preciso Dizer Que Te Amo"), Everything But The Girl (na versão *drum'n bass* de "Corcovado") e o house psicodelico de P.M. Dawn com Flora Purim e Airto. *Thomas Pappon*

JAMES CARTER
Conversin' With The Elders
Atlantic/Continental
Uma tacada anti-sampler

O acid jazz é um som legal. Anima bem uma pista e presta para ouvir numa boa, sem ter de dançar. Só há dois problemas: transformou o jazz num baú de grooves, de onde os produtores de hoje tiram loops para compensar sua falta de imaginação, e disseminou a pilhagem como método de composição.

Fazer o quê? O saxofonomista James Carter parece ter a solução. Primeiro, listou os discos de que mais gostava, assinados por caras como Charlie Parker, Lester Young e John Coltrane, entre outros. Aí, chamou alguns dos músicos que tocaram naquelas gravações. O resultado é ótimo, como atesta a faixa de abertura, "FreeReggaeHiBop", algo que não se fazia há tempos no jazz. Para completar sua tacada anti-sampler, Carter deixou uma mensagem assim no encarte: "Quem reproduzir este disco será processado." Matou a pau! *Celso Masson*



NICK CAVE & THE BAD SEEDS
Murder Ballads
Mute/WEA
Aqui Agora fase dark

Em *Murder Ballads* Nick Cave assume que é mesmo um personagem, uma especie de *Zé* do Caixão vestido por Vivianne Westwood e que leu o escritor gotico americano Edgar Allan Poe. Entre outras histórias de assassinato, e e conta com voz cavernosa como homens comuns ficam transtornados numa noite qualquer, no balcão de um pub, e promovem carnificinas assombrosas à sua volta.

Nick Cave fez um disco realmente interessante se for visto com um olhar *camp*, olhar de quem pode ver o *Aqui Agora* sem sentir o estômago revirar. A voz gutural de Nick Cave atravessa climas de filmes *trash*, em histórias de crimes e assassinatos tiradas de jornais ou do corolário sensacionalista popular, como o funéreo blues "Stagger Lee". Quando o disco termina, já foram mortas mais de 60 pessoas na colcha de retalhos de Cave, que deixou de lado suas influências poéticas mais eruditas – como Baudelaire e Nabokov – e partiu para a crueza da imprensa marrom. Deu-se bem e nos entregou um disco que deve ser ouvido como se le uma boa história em quadrinhos. *Jotabé Medeiros*

BLUES TRAVELER
Live From The Fall
A&M/PolyGram
Maratona de blues

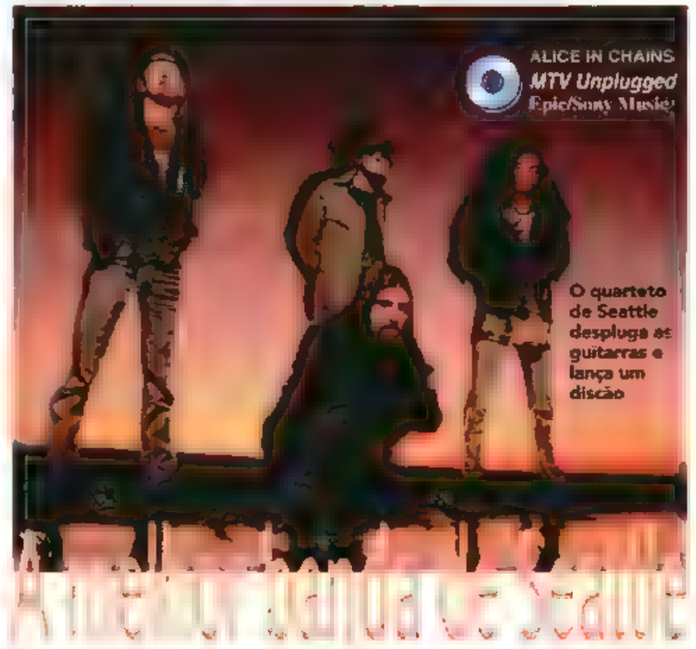
Logo na primeira faixa, "Love And Greed", tem-se a impressão de que a J. Geils Band voltou. O ataque furioso, a sonoridade negra e uma gaita uivando como uma matilha de lobos em noite de lua cheia lembram muito o antológico álbum *Full House*, da J. Geils. Os Travellers levam a bandeira desta e de outras formas brancas de blues como os Allman Brothers, Canned Heat etc. Num CD duplo de 20 faixas, num total de 123 minutos, eles fazem música para agradar aos paladares setentistas.

Faixas extensas abrem amplos espaços para os improvisos de guitarra de Chan Kinchla, longas frases de baixo de Bob Sheehan, batidas enérgicas de Brendan Hills e acima de tudo, os lamentos, gritos e vociferações do vocalista e guitarrista John Popper, que tomou gosto pelo blues na adolescência ouvindo – e imitando – John Belushi, o ator que formou os Blues Brothers com Dan Aykroyd. É uma maratona de blues para se ouvir acompanhado de uma boa ganja, indispensável para se entrar no clima. *Jamari França*

CULTURE
One Stone
RAS/Top Tape
Roots reggae na bolacha

Alguém chega, *Bíblia* na mão, falando de uma religião na qual Deus é um ex-imperador africano, a maconha é a chave da liberação espiritual e que tudo que está aí, dos shoppings aos videogames, são facetas opressoras da Babilônia. Que *cara*? Agora, e se esse discurso vier embalado num ritmão cheio de groove, bem-produzido, um sonzão emocionante?

O legado do reggae-cabeça, como o do Culture, é isso: o peixe deles é esquisito, só que vem numa embalagem irrecusável. Joseph Hill, vocalista, compositor e líder do trio, era motorista de ônibus quando teve uma visão e escreveu "Two Sevens Clash", hit de 1976 que mexeu com a política e a sociedade da Jamaica. Hoje, 20 anos e inúmeros discos depois, ele está aí sem perder o pique com *One Stone*. É pura filosofia rasta, com apelos que lembram os salmos ("Adis Ababba", "A Slice Of Mount Zion" ou "Satan Company"), um manifesto contra a cocaína ("Get The Soft") e uma exaltação às meninas ("Girls, Girls, Girls"). De resto, muita paz e amor num disco que é mesmo uma coisa de louco: zero de informações no encarte e muito *roots reggae* na bolacha. *Otavio Rodrigues*



VÁRIOS
Filhos Da Alegria
Eldorado
Trio Elétrico de estrelas

Atrás do *seo* Osmar só não vai quem já morreu – ou tem os ouvidos por demais infectados pela axé music. Criador do Trio Elétrico ao lado de Dodô, Osmar Macêdo é referência obrigatória para quem quiser entender a música baiana pré-Luiz Caldas. Uma boa parte dessa história é contada em *Filhos Da Alegria*, em que Moraes Moreira, Daniela Mercury e Elba Ramalho, entre outros, recordam os grandes sucessos de *seo* Osmar. Os destaques são "Pombo Correio" – originalmente conhecida como "Código Morse" – e a guitarra baiana infernal de Armando Macêdo, filho de Osmar e ex-guitarrista da Cor Do Som, incendiando todas as músicas. O cara destrói! *Sergio Martins*

KULA SHAKER
K
Columbia/Sony Music
Quarteto reverente

O quarteto Kula Shaker surgiu do nada para tornar-se o queridinho da imprensa inglesa. Bastaram três compactos para ser coroado como a novidade da temporada.

Curiosamente, a característica mais marcante da banda – capitaneada pelo vocalista Crispian Mills, filho de Haley Mills, espécie de atriz-assinatura de vários filmes da Disney nos anos 60 – é o carinho quase reverencial com que visita o passado e recicla estilos antigos. Pense Beatles na fase psicodélica misturado com britpop anos 90 e você terá uma idéia bem aproximada do som do Kula Shaker: guitarra, bateria, cítaras e citações do livro épico indiano *Mahabharata*. *José Emilio Rondeau*

INCOGNITO
Beneath The Surface
Talkin' Loud/PolyGram
Meio cabeça mas legal

A banda multiétnica baseada em Londres e liderada

Boys não dão mais no couro

Neil Tennant e Chris Lowe sentem o peso dos anos

Sabe de quando é "West End Girls"? De novembro de 1985. Esta breve introdução cronológica é importante para você receber bem a próxima fase: os Pet Shop Boys não impressionam mais ninguém – nem aqui no Brasil, onde eles já venderam mais do que os Beatles. Aqui está um fã assumido da banda pensando que seria muito mais legal escrever uma crítica sobre o Kula Shaker do que tecer alguns comentários sobre as cansadas batidas da dupla inglesa que mudou as regras do pop.

Não há batuque que ressuscite a fórmula dos Pet Shop Boys. Eles tentam de tudo. Desde cantar em espanhol aportuguesado na constrangedora "Se A Vida É" até um bom de um Olodum – além de outros enxertos ainda mais bizarros. Mas a dupla não dá mais no couro. Neil Tennant parece tão cansado quanto nos vídeos da banda. E Chris Lowe, cujo único trunfo era fazer beicinho também nos vídeos, já não tem mais idade para isso.

O melhor é ficar com a lembrança dos tempos áureos dos Pet Shop Boys. Mais: vamos esquecer que *Bilingual* foi sequer gravado. Se você comprou seu CD, seu dinheiro não foi todo jogado fora. A embalagem dá um belo enfeite de mesa de centro de apartamento de rapaz solteiro. *Zeca Camargo*

THE HEADS
No Talking Just Head
Radioactive/MCA

Rodízio de cantantes

A idéia de banda com vocalistas convidados, um em cada faixa do disco, deveria ser mais difundida. Aqui, ela não funciona muito, mas ao menos adiciona diversidade aos grooves do casal Tina Weymouth/Chris Frantz. E quando entra um mala, na faixa seguinte ele já foi ejetado.

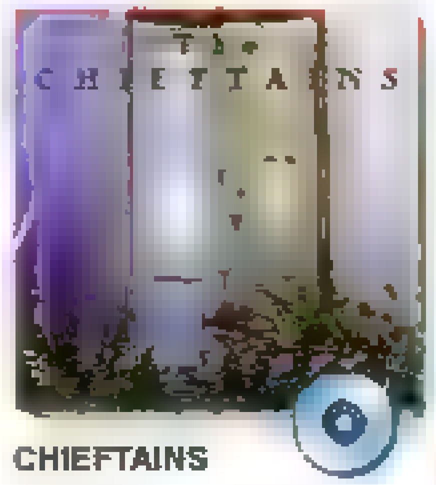
A crítica americana odiou esta volta do Talking Heads sem o *talking* de David Byrne – pelos motivos errados. O principal deles: viuvice. Se você nunca babou pelos talentos vocais de Byrne nem perdeu a cabeça falando que seu grupo era "o máximo do multiculturalismo pós-moderno", pode ir fundo. No rodízio de carnes cantantes, Debbie Harry e Richard Hell, decepcionantes, entram como cupim. Mas as de Shaun Ryder (Black Grape), de Ed Kowalczyk (Live) e de Malin Anneteg são maminha da melhor qualidade. *Pedro Sá*

HELENA MEIRELLES
Flor Da Guavira
Eldorado

Figuraça da viola

A violeira Helena Meirelles tem uma biografia de *blueswoman*. Nasceu numa sexta-feira 13, fugiu de casa para agarrar a vida de artista, viveu no meretrício, tocou sua viola embaixo de chumbo grosso, foi alcoólatra e só reapareceu para a família quando já estava perto dos 70 anos. Mais ainda, ela foi alvo de reportagens da revista *Guitar Player* americana antes mesmo de ter gravado seu primeiro disco.

Só que Helena Meirelles não nasceu na beira do Mississipi e sim na fazenda Jararaca, no Mato Grosso. Por isso ela não toca blues, e sim polca, xote, guarânia. Aos 72 anos de idade, Helena é uma instrumentista de habilidade. Faz seus dedos correrem soltos pelo braço do instrumento de dez cordas que ela toca em três afinações diferentes. O repertório de *Flor Da Guavira*, seu novo disco, é todo meio parecido, mas ainda assim vale conhecer essa figuraça da viola caipira. *Celso Masson*



CHIEFTAINS
Santiago
RCA/BMG-Ariola

Na rota de Paulo Coelho

Este grupo de música tradicional irlandesa chega ao 32º disco com uma espécie de peregrinação a Santiago de Compostela, o santuário da Galícia (Espanha) que Paulo Coelho popularizou entre nós no livro *Diário De Um Mago*. Mas o que move a banda não é o fervor místico, mas sim o cultural.

O líder da banda, Paddy Moloney, explica que a cultura da Galícia se aproxima muito da celta irlandesa e tem ramificações que desceram até o Novo Mundo, do México ao Brasil. Daí que foram à Galícia buscar as músicas lindíssimas incluídas neste *Santiago*, mesclando-se a músicos locais. Como o gaiteiro Carlos Nuñez, o coral de Ultreia e a orquestra Xoven. Unem-se também à trupe dos Chieftains o brasileiro Julio Pereira no cavaquinho, a cantora Linda Ronstadt, o grupo chicano Los Lobos e o guitarrista Ry Cooder, explorando as facetas que ligam os celtas à Galícia, ao México e ao Caribe (Cuba).

A mistura resulta num CD intrigante e muito bonito, com um sabor diferente do anterior *The Long Black Veil* (1995), que uniu a música celta a estrelas do pop britânico como Rolling Stones, Sting e a também irlandesa Sinead O'Connor. E prometem da próxima vez trazer sua trupe ao Brasil. Breve, portanto, ouviremos música celta com Olodum. Salve-se quem souber. *Jamari França*

ROBERTO CORRÊA
Crisálida
Viola Correta/2001

Sai pra lá, Cramulhão!

Pode jogar fora o cigarrinho de palha, descalçar a bota e apear do alazão. Roberto Corrêa é um virtuoso da viola, passeia por Villa-Lobos e Gonzagão, passando por Ernesto Nazareth e Zequinha de Abreu. Mas também da colorido sofisticado a coisas sertanejas como "Tristeza Do Jeca" e "Chalana". Isso aqui não tem nada a ver com sódade dus tempinho hão lá da roça. É uma espécie de Helena Meirelles, mas com uma diferença. Helena é um fóssil vivo, elo perdido de uma tradição; Corrêa é um estudioso, que não faz sua palheta sexta-feira 13 numa encruzilhada, mas entende muito bem a relação dos violeiros com os mistérios do além. E toca muito. *Eador Paiano*

BLACKSTREET
Another Level
Interscope/MCA

Mike Tyson do R & B

Blackstreet é Teddy Riley. Músico, arranjador, produtor e criador do new jack swing – interpretação eletrônica do groove de Stevie Wonder, com elementos estruturais influenciados por Prince e Quincy Jones. Tudo do ponto de vista hip hop hardcore com nuances de Zapp e Herbie Hancock. Cru e direto.

Dos produtores *top 6* dos anos 90 – Babyface, Jimmy Jam & Terry Lewis, DeVanté Swing, R. Kelly, Dr. Dre e Teddy Riley –, ele é o Mike Tyson. Não que esteja musicalmente acima dos outros, porém é o mais violento. Para citar alguns artistas de seu currículo, podemos mencionar Stevie Wonder, Rolling Stones (o remix de "Love Is Strong") e Michael Jackson, entre algumas dezenas de artistas que ele produziu.

Este é o segundo disco de sua segunda banda (a primeira foi o Guy, com o brilhante Aaron Hall). É óbvia a evolução musical e técnica, transformando o título *Another Level* numa frase jornalística: o gênio caminhou. *João Marcello Bôscoli*

GREEN DAY
Bowling Bowling Bowling Parking Parking
Reprise/WEA

Billie contra os piratas

Pronto, tai o toque do despertador para quem continuava insistindo que o Green Day era digno herdeiro da tradição *do it yourself*. O cacete! A mensagem subliminar deste disquete está mais para "fica na tua e deixa com a gente". Ou alguém consegue enxergar outra razão para o lançamento repentino de tão pouca mixaria – só 17 minutos de música – a não ser acabar com a festa dos pirateiros que vêm abastecendo o planeta de mais e melhores gravações ao vivo da banda há pelo menos uns dois anos?

Contra as sete faixas escolhidas, nada. Contra a seleção, muito. É muita preguiça mental escolher do repertório de *Dookie* justamente "She" e "Basket Case", que até vovó Coutinha já conhece e não aguenta mais ouvir. A inclusão de "Knowledge", do Operation Ivy (que deu origem ao Rancid), não chega a compensar. O saldo final é um disco que soa exatamente como um daqueles especiais picaretas que certas rádios-rock anunciam como se fossem os shows do milênio e você grava numa fita bem-quilometrada só para dizer que tem, mas não escuta nunca. *Jaime Biaggio*

PERICOS
Yerba Buena
EMI Music

Reggae dos hermanos

Muito melhor do que aturar as trocentas encarnações de Bob Marley – na pele de seus rebentos e ex-banda – ou conferir qualquer picareta apresentado como "nova sensação do reggae" é dar uma sapeada no chacundum produzido pelos nossos irmãos platinos. No caso, os Pericos, uma moçada que foi avalizada até pelo Herbert Vianna – que transformou o ragga "Parate Y Mira" em "Lourinha Bombril".

Yerba Buena é produto do bom. Reggae de macho, com um toque de ska e outro de *raggamuffin*, temperado com *latinidad*. O vocalista e careção Bahiano não faz feio e tem mais vigor do que muito mocinho com *dreadlocks* que engana por aí.

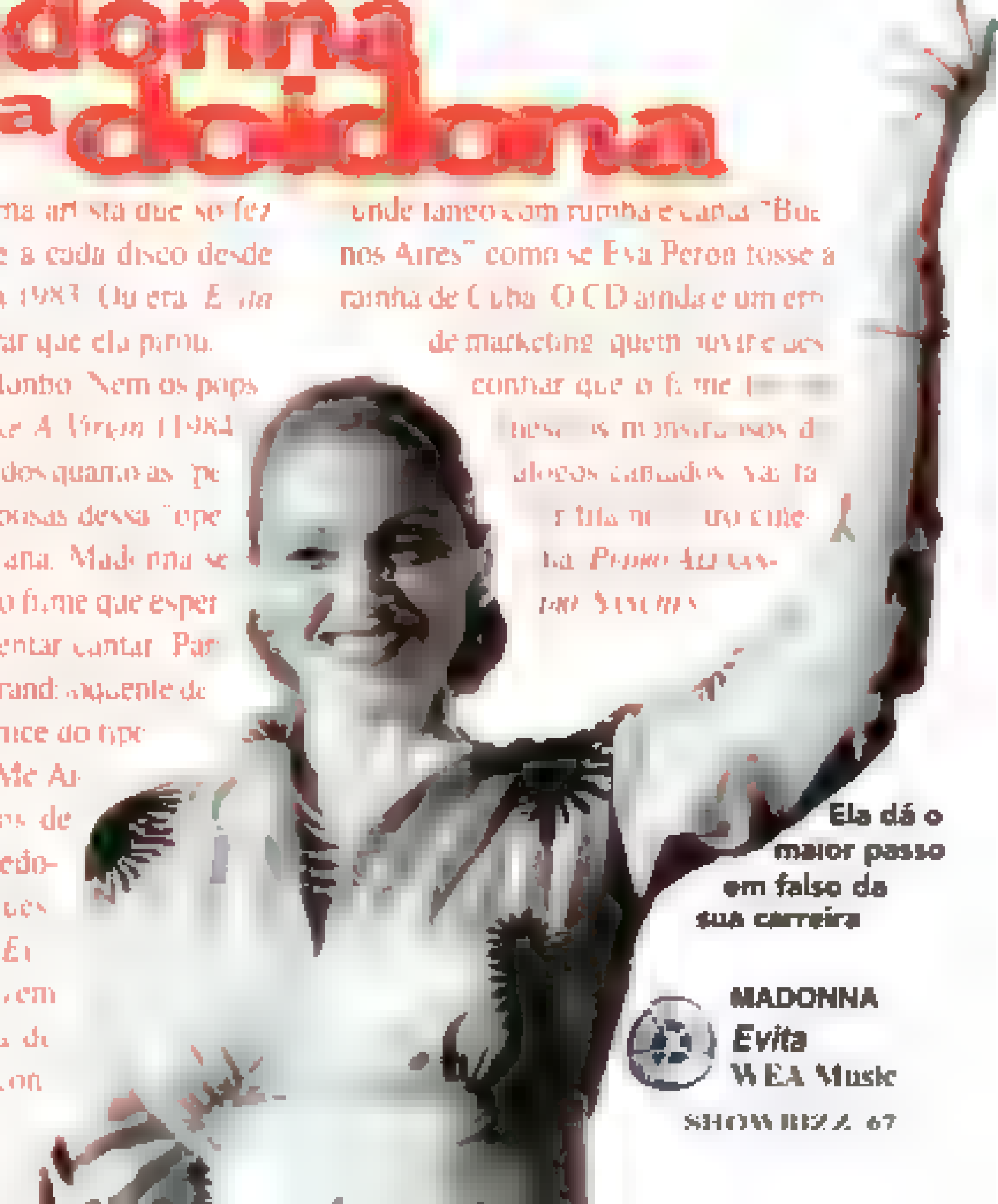
Os Pericos alternam músicas próprias (as melhores são "Como Un Gavilán" e "Caliente") com versões avacalhadas – no bom sentido – de "In My Room" (dos Beach Boys, aqui com um sotaque ragga), o tango "Por Una Cabeza" (de Carlos Gardel) e prestam homenagens aos decanos do reggae Ken Boothe e Culture, regravando "Why Baby Why" e "Salmo A Bob Marley". *Sergio Martins*

EDGARD SCANDURRA
Benzina
Rock It/Virgin

Irado em fase clubber

Edgard não saiu do IRA! a banda não acabou e ele continua escrevendo e tocando rock. Mas ele percebeu que nos anos 90, a música vai um pouco mais além de lamentações, palavrões e letras chumbregas. Em *Benzina*, Edgar bebeu na fonte dance. O álbum possui tudo de mais moderno e atual que tem sido feito na música dance européia – jungle, *drum'n bass* e tecno com influências orientais – e foi feito com sinceridade. E você pode ficar tranquilo porque tem muito do IRA! Só não precisava agradecer ao Hell's. *Claudia Lima*

Madonna fica doidona



Madonna é uma artista que só fez ficar mais chique a cada disco desde que apareceu, em 1983. Ou era. *Evita* chega para mostrar que ela parou.

O álbum é medonho. Nem os pops ordinários de *Like A Virgin* (1984) eram tão vagabundos quanto as "peças" pseudopomposas dessa "ópera" latino-americana. Madonna se cerca de atores do filme que esperneiam de tanto tentar cantar. Parece tem grande ... de edifícios da cafonice do tipo "Don't Cry For Me Argentina", cercados de corais constrangedores e arranjos orquestrados de quinta. *Evita* é o maior passo em falso da carreira de Madonna, que confunde tango com rumba e canta "Buenos Aires" como se Eva Peron fosse a rainha de Cuba. O CD ainda é um erro de marketing: quem ... contar que o filme ... desses monstruosos ... álbuns cansados ... *Pedro Alexandre Sanches*

Ela dá o maior passo em falso da sua carreira

MADONNA
Evita
WEA Music

Bolsa de discos

		Eduardo BID	Jamari França	Jotabê Medeiros	Marcus Veras	Paulo Cesar Martins	Pedro A. Sanches	Robert Halfoun	Sérgio Martins	Tatola	Zé Lucio Cardim
7,1	**WITE ZOMBIE** *Supersexy Swingin' Sounds* MCA	9	5	6	•	7	•	8	8	9	5
6,4	**ELECTRONIC** *Raise The Pressure* WEA	•	•	5	•	7	8	•	5	7	•
6,2	**O RAPPA** *Rappa Mundi* WEA	9	7	4	7	•	3	8	7	5	•
6,2	**WALLFLOWERS** *Bringing Down The Horse* MCA	7	7	•	•	4	5	8	4	8	7
5,8	**JAMIROQUAI** *Traveling Without Moving* Sony	9	0	6	8	1	7	6	8	8	•
5,5	**ARNALDO ANTUNES** *O Silêncio* BMG	7	8	3	10	0	4	•	4	8	•
5,5	**RUSH** *Test For Echo* Continental	4	•	8	•	•	0	10	5	7	5
5,3	**CIDADE NEGRA** *O Erê* Sony	7	6	3	6	4	1	5	6	6	6
4,8	**MORAES MOREIRA** *Estados* Virgin	6	0	6	8	2	4	5	7	5	5
4,8	**INNER CIRCLE** *Da Bomb* WEA	7	3	1	•	•	•	•	7	6	•

RÁPIDO & RASTEIRO

Os séculos passam e a humanidade se questiona: o que passa pela cabeça de um surfista? Depende. Nos anos 60, a via expressa que cortava a vastidão desértica entre as duas orelhas do sujeito era cruzada por bandas de garagem como Ventures, Shadows e Drifters. No Brasil, o sobe-e-desce das ondas já foi embalado pelo *roots reggae* de bandas como a californiana **BOOM SHAKA**, que, a julgar por **Freedom Now** (Natasha), deixou de comprar discos quando Bob Marley morreu. As letras falam direto em Jah e até em África do Sul (pelo jeito, pararam de comprar jornais também).

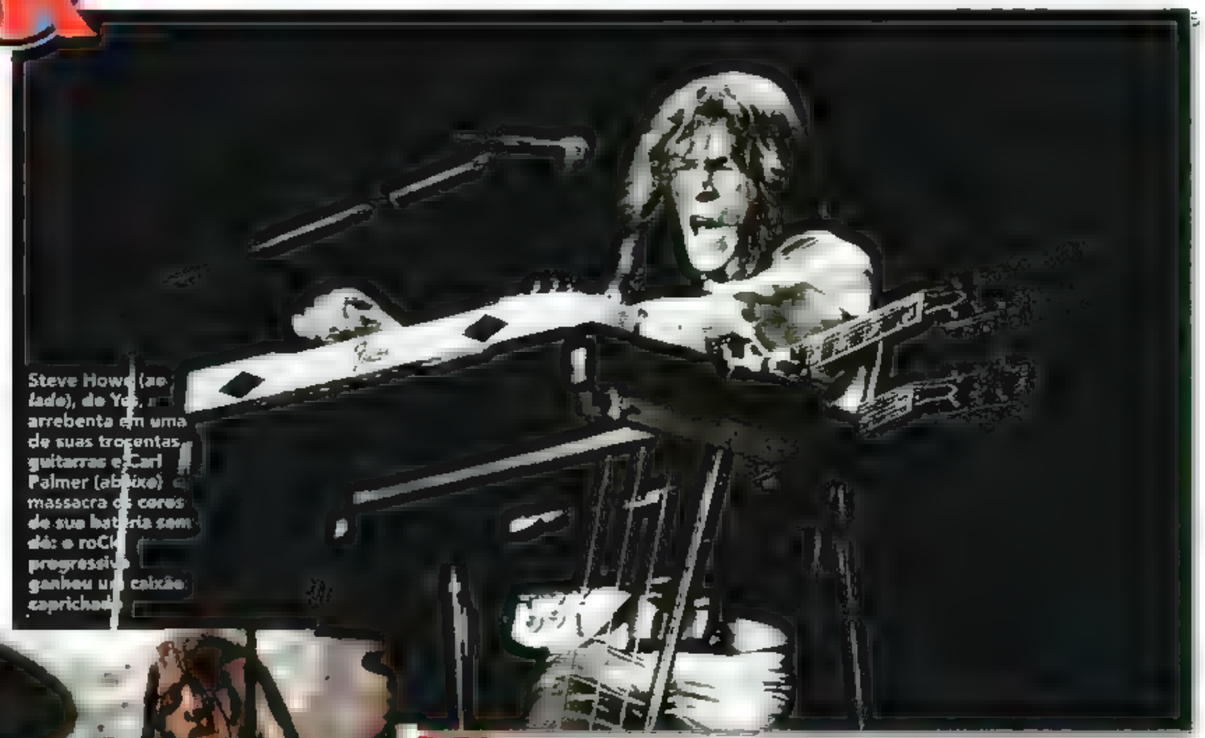
Nos anos 80, a gang da parafina trocou os *rastamen* por aborígenes como Australian Crawl, Spy Vs. Spy e **HOODOO GURUS**. Em **Blue Cave** (Spotlight), o grupo se mostra o mais versátil dentre seus pares. As canções inspiradas do líder Dave Faulkner circulam do mais puro *party rock* a baladas com cheiro de Beach Boys, como "All I Know", com a mesma descontração. Bom para surfar, dirigir ou ouvir em casa. Seus conterrâneos **SHOCK POETS** parecem fazer parte de outra turma, aquela que fica sentada nas pedras fumando unzinho e tentando calcular a extensão do universo. **Bait** (Spotlight), projeto de Mark Cuffe e Blox, do Spy, troca os refrões simples por versos dignos de quem acabou de tomar um caldo e está zonzo. A estrofe "Você ama o som de sua própria voz/ E se deleita com suas idéias" dá bem a noção do som dos caras. Às vezes funciona, como em "Stranger To You", adornada por um delicioso piano.

Hoje em dia, os surfistas daqui vão mais na onda dos skatistas da Costa Oeste americana, o hardcore ensolarado de bandas como o **DOWN BY LAW**, que se queixa tanto do sistema quanto das *babes* que não olham para eles em **All Scratched Up** (Paradoxx). O erro do **GORILLA BISCUITS**, em **Start Today** (Paradoxx), é se esquecer das lolinhas de biquíni e ficar naqueles manifestos caga-regra tipo "a miséria existe, a TV oprime e o mundo quer me morder", mal socados em dois minutos de maçaroca. Os surfistas, cheios de água nas idéias, não vão ouvir mesmo.

Jaime Biaggio

Try On

NOVO RUNNING. 86g mais leve.



Steve Howe (ao lado), do Yes, arrebenta em uma de suas trocentas guitarras e Carl Palmer (abaixo) massacra os cocos de sua bateria com dó: o rock progressivo ganhou um caixão caprichado

Era uma vez... Nos anos 70

Conforme a definição das enciclopédias, o rock progressivo nasceu da integração de elementos do rock tradicional com características da música clássica e do jazz, resultando em canções longas, de estrutura mais intrincada. Para os mais cínicos, no entanto, o rock progressivo é sinônimo de pedantismo e exibicionismo circense. Seja qual for sua inclinação, dois lançamentos ajudam a compreender o fenômeno do prog-rock e adicionam uma interessante perspectiva.

O caixote **Supernatural Fairy Tales** (Rhino) espalha por cinco CDs seleções do repertório de alguns dos nomes mais significativos do gênero, de **EMERSON, LAKE & PALMER** a **CAN**, de **GENTLE GIANT** e **VAN DER GRAAF GENERATOR** a **BANCO**. Por razões contratuais, ficaram de fora alguns pilares fundamentais – Pink Floyd, Soft Machine e King Crimson – e uma "moscada" e outra mancham a qualidade do projeto. O pacote ainda define como rock progressivo bandas tipo **TRAFFIC E ROXY MUSIC**... Mas *Supernatural* vale para o neófito que pretende conhecer mais sobre as excentricidades do progressivo, como a língua própria criada pela banda Magma e os malabarismos vocais de Thijs Van Leer, do Focus. A caixa também é útil para quem gostaria de revisitar os anos 70 sem precisar refazer sua coleção de discos de vinil.

Por sua vez, um dos mestres do rock progressivo, o Yes, retoma suas atividades com sua formação clássica. Jon Anderson (vocais), Steve Howe (guitarras), Chris Squire (baixo), Alan White (bateria) e – sim, ele! – Rick Wakeman (teclados) lançam **Keys To Ascension** (Castle). Trata-se de um álbum duplo, em que misturam material tradicional – como "Siberian Kathru" e "Roundabout" – e meia hora de novidades, gravadas em estúdio. Dessas, mais de 20 minutos são dedicados a uma única música, chamada "That, That Is". As composições antigas envelheceram muitíssimo bem e a banda toca com autoridade e entusiasmo. As novas faixas prometem um futuro ainda interessante.

José Emílio Rondeau

O Circo chegou!

Finalmente sai um dos elos perdidos da história do rock. É o **Rock And Roll Circus**, uma extravagância musical comandada pelos **ROLLING STONES**, que chega ao Brasil importada pela PolyGram. O show, que aconteceu no dia 11 de novembro de 1968, foi a alternativa dos Stones para satisfazer os seus fãs – já que devido a problemas com o guitarrista Brian Jones, eles não podiam excursionar.

O grupo convidou alguns amigos como **THE WHO** (que toca "A Quick One", um dos pontos altos do CD), **MARIANNE FAITHFULL** e o iniciante **JETHRO TULL**, **JOHN LENNON**, **MITCH MITCHELL**, **KEITH RICHARDS** e **ERIC CLAPTON** se juntaram para a ocasião e formaram uma banda, intitulada Dirty Mac, que tocou "Yer Blues", música do *Álbum Branco* dos Beatles. Quanto aos anfitriões, é emocionante ouvi-los numa das derradeiras oportunidades em que tocaram com Brian. Detonam "No Expectations", "Jumpin' Jack Flash", "Symphaty For The Devil", "You Can't Always Get What You Want", "Salt Of The Earth" e "Parachute Woman" em interpretações definitivas. A qualidade sonora do disco é surpreendente e o libreto apresenta fotos deslumbrantes. Levou quase 30 anos para armarem de novo o picadeiro do circo, mas valeu a pena esperar.

Paulo Cavalcanti

Tem Gallagher de menos

OASIS
...There And Then
Sony Music Video

Os muitos seguidores do grupo Oasis – metade da Inglaterra e a outra metade é fã do Blur e roqueiros de outros cantos do mundo – podem se decepcionar com este vídeo. O registro dos shows está ai' *straight* – certinho, sem firulas. Foram três noites – duas em novembro do ano passado, em Londres, uma em abril deste ano, em Manchester – que reuniram cerca de 120 mil pagantes.

Os números apresentados são dignos dos Beatles. A histeria da turba, o mar de pessoas, a função das bilheterias, o poderoso jogo de luzes acompanham sucessos como "Wonderwall", "Supersonic" e a suíte progressiva de "Champagne Supernova". Durante "Live Forever" surge um pano de John Lennon, homenageado com a cover de "I Am The Walrus". E os Beatles continuam vivos. A decepção porém, vem com os rápidos depoimentos que intercalam as músicas. Sem novidades para contar, sem celeumas, sem brigas entre os irmãos Gallagher, fala-se de como cada instrumentista começou no grupo, qual foi a sensação do último show e anticlímax semelhantes. É Noel de mais e Liam de menos. *CHRISTIAN PETERMANN*

Canções e cantadas de Gil

São mais de 400 letras, 90 inéditas, entre as que nunca foram gravadas e outras em que a parte musical sumiu. Mas o melhor do livro são os comentários de Gil, com um monte de historinhas engraçadas. "Flora", por exemplo, foi literalmente uma cantada em sua mulher atual. "Sandra", escrita na época em que Gil estava internado num hospício depois da prisão por porte de maconha (1976), refere-se a garotas daquela época, e tem ainda uma segunda Sandra "escondida" na letra, além de sua esposa do momento: como não sabia o significado de "No Woman, No Cry" (que não existe), Gil adaptou para "Não Chores Mais", imaginando os hippies do Aterro do Flamengo como os rastas da Kingston de Bob Marley e Peter Tosh; "Se Eu Quiser Falar Com Deus" foi feita para Roberto Carlos, mas o Rei não gravou porque disse que tinha outra idéia de Deus.

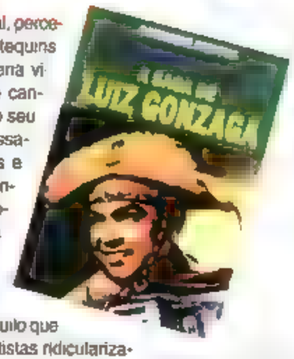
O livro tem algumas histórias deliciosas, mas não é só: Gil às vezes faz análise sobre as músicas, como por exemplo em "Realce", que parece assim meio leve e descartável, mas o artista gasta duas páginas de explicação exatamente para mostrar o contrário. Ou as duas versões de "Chuck Berry Fields Forever", em que ele explica suas traduções de canções para outras línguas. O livro é bem atualizado e traz até as músicas do próximo CD, que deve sair no início de 1997. Com isso tudo, Gil criou um item indispensável não só para gilmaníacos como também para quem se interessa pelos últimos 30 anos da música brasileira. *Enor Paiano*

Gilberto Gil – Todas As Letras
ORGANIZADO POR CARLOS RENNÓ
Cia. Das Letras

Para raimundófilo ler

Taí um trabalho de dar vergonha. De dar vergonha nos brasileiros porque precisou uma francesa, Dominique Dreyfus, encantar-se com a obra de Luiz Gonzaga, para que pudéssemos contar com uma biografia digna de um dos gigantes de nossa cultura. Editado pela 34 Letras, sob a supervisão de Tárik de Souza, *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga* reconstitui a fascinante história deste herói que, armado apenas da sanfona, promoveu uma revolução que deu orgulho e identidade cultural a milhões de brasileiros.

O nordestino, tal e qual o conhecemos hoje, é uma invenção de Luiz Gonzaga. Menino que nasceu no Exu, em Pernambuco, e que herdou do pai, Januário, a profissão de sanfoneiro. Rapazola que desceu para o Rio e venceu como músico, mas que, num estalo genial, percebeu, tocando em botequins do Estácio, que poderia virar astro de verdade cantando as melodias do seu sertão. O livro tem passagens saborosíssimas e não se esquiva das contradições em que o homem Luiz Gonzaga veio a se enredar.



Em sua primeira metade, a história é um conto de fadas: aquilo que até alguns instrumentistas ridicularizavam como "música de cego" ganha o mundo, "Asa Branca" é gravada por Peggy Lee... Hoje é preciso mais do que nunca ouvir (e ler) Luiz Gonzaga. Obrigatório para raimundófilos e raimundófobos, devia ser adotado como obra didática nas escolas. *Pedro Só*

Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga
DOMINIQUE DREYFUS
34 Letras

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

— Entretenimento —

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

— Esportivas —

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

— Femininas —

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

— Interesse Geral —

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

— Guias e Anuários —

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 867-3000 - Fax (011) 867-3300 - São Paulo - SP

Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021 - Caixa Posta. 4816 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1485/532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SOS Ed. Venâncio. III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 321-0305 - Fax (061) 226-3644

Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 957 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975

Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel. (085) 254-1666 - Fax (085) 231-4781

Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax (031) 335-8789

Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax (021) 220-3762

Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel. (051) 223-9528 - Fax (0511) 217-1005

Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax (048) 232-0519

Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Fábio Rusch, 42 A - Bento Ferreira - Espírito Santo - Telefax (027) 324-1174

Transforma
marido
em
Ricardão.

Energia de bolso

Chegou Amazon Plus. A pastilha energética de bolso. Amazon Plus [illegible] sabor de menta. E você encontra Amazon Plus em qualquer farmácia ou loja de produtos naturais. Experimente.

(0800) 211100

GUARANÁ + GINSENG
com sabor menta
AMAZON plus

CASA de CRIAÇÃO

AS GRANDES VIAGENS DE FLUIR.

Ao comprar o

você
leva um presentão
: a fita
de
,com
imagens de sonho
feitas nos picos
mais chocantes
do , das
,
e .
Vai que é sua,
brotner!.!

Já nas bancas

GRÁTIS
FITA DE VÍDEO

Letras traduzidas

LOU REED

Canta: Marisa Monte

Sometimes I feel so happy
Sometimes I feel so sad
Sometimes I feel so happy
But mostly you just make me mad
Baby you just make me mad
Linger on, your pale blue eyes
Linger on, your pale blues eyes
Thought of you as my mountain top
Thought of you as my peak
Thought of you as everything
I've had but couldn't keep
I've had but couldn't keep

If I could make the world as pure and
strange as what I see
I'd put you in the mirror I put in front of me
I put in front of me

Skip a life completely, stuff it in a cup
She said money is like us in time
It lies but can't stand up
Down for you is up

It was good what we did yesterday
And I'd do it once again
The fact that you are married
Only proves you're my best friend
But is truly, truly a sin

Olhos azul-claros

Às vezes me sinto tão feliz
Às vezes me sinto tão triste
Às vezes me sinto tão feliz
Mas na maioria das vezes você me deixa louco
Baby, você simplesmente me deixa louco
Ficam sempre seus olhos azul-claros
Ficam sempre seus olhos azul-claros
Pensei em você como o topo da minha montanha
Pensei em você como meu pico
Pensei em você como todas as coisas
Que eu tive mas não consegui manter
Que eu tive mas não consegui manter

Se eu pudesse fazer o mundo puro e estranho como o que vejo
Botaria você no espelho que boto na minha frente
Boto na minha frente

Passe por cima de toda uma vida, guarde numa xicara
Ela disse dinheiro é como nós ao longo do tempo
Pode deitar, mas não fica de pé
Pra você, embaixo é em cima

Foi bom o que fizemos ontem
E eu faria tudo mais uma vez
E o fato de você ser casada
Só prova que é minha melhor amiga
Mas no duro, no duro, é um pecado

89 FM A RÁDIO ROCK APRESENTA

ARQUIVO DO ROCK

TONES ON TAIL
"GO"
THE BOLSHOI
"SUNDAY MORNING"
GUN'S ROSES
"PATIENCE"
NEW MODEL ARMY
"51ST STATE"
SIMPLE MINDS
"ALIVE AND KICKING"
TOY DOLLS
"NELLIE THE ELEPHANT"
EURYTHMICS
"HERE COMES THE RAIN AGAIN"
ECHO & THE BUNNYMEN
"IT'S LIKE SUGAR"

MAIS UM LANÇAMENTO

Na ponta da agulha

Solte suas asas e entre nesta festa

LAMPADA DE TORRE
Instalada ao lado do prato do toca-discos ilumina a faixa desejada
R$ 16

FONE DE OUVIDO
Enquanto o som come solto nas caixas, você [illegible] a próxima música para agitar a pista. O V-400, da Sony, é o preferido dos DJs
R$ 137

TOCA DISCOS E CASE DE ALUMÍNIO
A pick up Technics, modelo SL-1210 MK II, é um clássico há mais de 20 anos. Todo mundo usa. O estojo em alumínio martelado garante proteção total
R$ 935 • R$ 210

SHOPPING

ESTOJO ORTOFON
Envenene seu toca-discos: duas agulhas, uma cápsula e escovinha de limpeza
R$ 200

RÉGUA PARA EDIÇÃO
Para edição manual de fitas de rolo, este instrumento ajuda você a marcar um trecho de uma música e enxertá-lo no meio de outra. É uma espécie de sampler [illegible]

MIXER
É o sonho dos DJs. Com quatro canais o Pioneer DJM 500 junta, ao mesmo tempo, som de três toca-discos e três auxiliares (CD e K-7). Tem também contador de BPM (batidas por minuto) e ajuste para microfones
R$ 1.300

MIXER NUMARK
DM 1600 X
Tudo em dobro: dois canais para dois toca-discos e dois equipamentos auxiliares (CD e K-7). Embora seja um dos mais simples do mercado, é ótimo para quem está começando
R$ 275

BAG DE NAILON
Bolsa para 36 discos com ziper, compartimentos para guardar os acessórios, como agulhas e outros
R$ 25

AGULHA ADAPTÁVEL
Da Ortofon, é boa porque vem com adaptador para várias marcas de toca-discos
R$ 55

ONDE ACHAR
- DJ SHOPPING
Av. Paulista, 2001 - Sbl. 26, São Paulo, SP.
Fone/Fax: (011) 285-2333
- WORLD MUSIC
Rua Barata Ribeiro, 370, loja 106, Rio de Janeiro, RJ.
Fone: (021) 256-8016
- Shopping 5ªAvenida, loja 14-C, Belo Horizonte, MG.
Fone: (031) 281-0016
- RE-MIX *(somente sob encomenda)*
Rua São Luis, 34, sala 1, Manaus, AM
Fone: (092) 236-5146

CD's • VHS
LD's

SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO

LONDON CALLING

RARIDADES DO: U2 • CURE • MADONNA • OASIS • REM • BLACK SABBATH E TODOS OS ESTILOS

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO

TEL-FAX: (011) 223-5300

RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA • LOJA 15 • CEP: 01041-000 • CENTRO • SP

INVASOR

ALTERNATIVE MUSIC

CDs • LPs • MDs • VHs • EUA, EUROPA, JAPÃO

LANÇAMENTOS - RARIDADES - BOOTLEGS
COMPRA - VENDA - TROCA
CDs NOVOS E USADOS

REMETEMOS VIA SEDEX PARA TODO BRASIL
ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITOS

AV. DOM LUIS, 656 - ALDEOTA - FORTALEZA/CE - BRASIL
FONE/FAX: (085) 224-3868 - TEL.: (085) 988-8998
CEP.: 60160-230

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: BANANA SCRAFT

PARA ANUNCIAR LIGUE, (011)
867-3100
REVISTA SHOWBIZZ
EDITORA AZUL

na mira do Guns

Acerte no Axl e veja se você é bom de trabuco

1 *Abandonado pelo pai, Axl só descobriu que seu sobrenome biológico era Rose quando tinha 17 anos. O nome de batismo de Axl e a data de nascimento são, respectivamente:*
a) Axel William Rose, 6 de fevereiro de 1962
b) Alex William Bailey, 16 de fevereiro de 1963
c) Axl William Bailey, 24 de dezembro de 1965
d) William Bailey, 6 de fevereiro de 1962
e) William Alexander Bailey, 1 de janeiro de 1964

2 *Antes de se chamar Guns N' Roses, a banda teve dois nomes que foram prontamente rejeitados pelos integrantes.*
a) Heads of Amazon e AIDS
b) Heads of Oblivion e Ebola
c) Heads of Nile e Virus
d) Heads of Mules e Pneumonia
e) Heads of Goats e T.B.Five

3 *Depois de lançar seu primeiro álbum, Appetite For Destruction, em 1987, e desbancar o Aerosmith numa megaturnê, a banda abocanhou o prêmio de Artista Revelação no VMAs, da MTV, com uma música que fez parte da trilha sonora de Dead Pool, um dos filmes de Clint Eastwood como Dirty Harry. O nome da música é:*
a) "Freak Le Boom Boom"
b) "Sweet Child O' Mine"
c) "Paradise City"
d) "Patience"
e) "Welcome To The Jungle"

4 *Em março de 1989, o Guns deixou de participar de um megaconcerto em benefício da luta contra a Aids, o Rock And A Hard Place, em Nova York, porque:*
a) Axl andou dizendo que a Aids era uma boa forma de dizimar os gays
b) o show era beneficente, portanto, sem cachê
c) Axl ficou com medo de pegar o vírus das cusparadas do público
d) Axl declarou que não canta pra bicha
e) ativistas gays consideraram a letra de "One In A Million" homofóbica

5 *Em 1990, Axl foi eleito pela revista Rolling Stone.*
a) "O Pior Cantor" e "O Artista de Rock Mais Mal Vestido"
b) "O Cantor Mais Bonito" e "O Artista de Rock Mais Bem Vestido"
c) "O Melhor Cantor" e "O Artista de Rock Mais Simpático"
d) "O Pior Cantor" e "O Artista de Rock Mais Preconceituoso"
e) "O Cantor Mais Idiota" e "O Artista de Rock Mais Chato"

6 *Filho de uma estilista que ficou famosa pelos figurinos do filme O Homem Que Caiu Na Terra (estrelado por David Bowie), Slash, batizado Saul Hudson, também deu sua contribuição ao cinema:*
a) como ator em O Planeta Dos Macacos
b) como roteirista de Dirty Harry
c) namorando a atriz pornô Savannah
d) como ator em O Homem-Cobra
e) pagando uma baguete para o ator Ron Jeremy

7 *O último álbum lançado pelo Guns, The Spaghetti Incident?, contém uma canção escrita por um psicopata. O nome do assassino e de duas das bandas homenageadas no disco:*
a) Guilherme de Pádua, Duran Duran e Tokyo
b) O. J. Simpson, Blondie e Rolling Stones
c) Mark Chapman, Talking Heads e Ramones
d) Charles Manson, New York Dolls e Iggy & The Stooges
e) Richard Nixon, Soft Cell e Marc & The Mambas

8 *Quando voltou ao Brasil, em 1992, o Guns mais uma vez se viu envolvido com a polícia. Desta vez o motivo foi:*
a) uma parceria musical com o gangsta rapper Tinnica
b) o assédio sexual de Axl em uma menor
c) o jeito distraído de Slash, que costumava circular sem camisinha pelas areias de Ipanema
d) um flagrante de Neusinha Brizola no camarim
e) o arremesso de cadeiras praticado por Axl no lobby de um hotel em SP

9 *O baterista Matt Sorum entrou para o Guns em 1990 substituindo Steven Adler, que foi despedido por ser dependente de drogas. Antes, Sorum tocava no:*
a) The Smiths
b) The Cult
c) The Cure
d) The The
e) The Pré

10 *O passatempo predileto do baixista Duff McKagan antes de se tornar um multimilionário popstar era:*
a) roubar carros (puxou ao todo 133)
b) freqüentar o bas-fond gay de São Francisco (chegou a fazer 133 programas em um mês)
c) fazer pequenas participações em filmes pornô (num deles, ganhou 133 dólares para receber sexo oral de uma anã)
d) jogar ovos pela janela de casa (no processo que moveu contra Duff, o síndico do prédio contabilizou 133 ovos arremessados)
e) fumar maconha (consumia 133 gramas por semana)

bela e perseguida

A cantora do sucesso "All I Wanna Do" está emplacando bem um novo álbum que leva simplesmente seu nome. No entanto, lançado em setembro nos EUA, o CD foi banido da rede de lojas Wal-Mart – uma Lojas Americanas dos EUA. Motivo: Sheryl escreveu os seguintes versos na música "Love Is A Good Thing": "Observem seus filhos matar uns aos outros/ Com armas compradas na seção de descontos da Wal-Mart". O assessor da loja de departamentos advertiu que a Wal-Mart não vende armas para menores.

A liberdade poética vai custar caro para Sheryl Crow. Para se ter uma idéia, 7 por cento das quase 4 milhões de cópias vendidas de *Tuesday Night Music Club*, álbum anterior da moça, saíram via Wal-Mart. Ou seja, mais ou menos 350 mil discos vendidos graças ao varejo daquela rede.

Infeliz nos negócios, feliz no amor. Dizem que Sheryl anda aninhada nos ombros de Eric Clapton.

Boicotaram isso tudo de mulher

PROMOÇÃO

Quem escreveu para a promoção do show do cranberries em Paris não vai ficar a ver navios. Enquanto Dolores se recupera e o grupo não retoma as atividades, vamos selecionar ganhadores de brindes especiais do cranberries – cujos nomes serão divulgados na próxima edição. As cartas ainda estarão concorrendo para um outro show internacional de um grande nome. Aguardem!

Gwen e seu umbiguinho de fora indefectível

MIX umbigada no ska

Comparada a Madonna, Gwen Stefani é a nova queridinha da mídia americana. Cantora da banda de ska No Doubt, a moça vive com o umbiguinho de fora e virou símbolo sexual. Não é pra menos. Aos 26 anos, ela é docinha como a voz que embala as músicas do grupo e vaidosa como uma top model. Obviamente, Gwen não quer saber do título de roqueira. "O público espera que, fora do palco, eu seja um pouco mais brutal. Talvez eu devesse ser mesmo... Mas não sou. Adoro maquiagem, fazer o cabelo e visitar a pedicure. Sou a coisa mais distante do estereótipo da roqueira", diz, toda mulherzinha. Fã do Madness, ela começou a cantar aos 17 anos em festinhas do colégio. "Eu adorava ser admirada pelos garotos. Eles diziam que um dia eu seria uma estrela." Sabichões.

Sinta o calibre da sua idolatria

10 acertos – AXL CET Bem-vinda à selva, perigosa! Qualquer dia você engole a banda toda. Glup!

6 a 9 acertos – AR-15 – Você é matadora! Mas aquele shortinho de helanca às vezes atrapalha o raciocínio, né não?

3 a 5 acertos – 38 – Você até consegue abater alguma coisa... Um Duff, quem sabe... Mais firmeza no dedinho, querida!

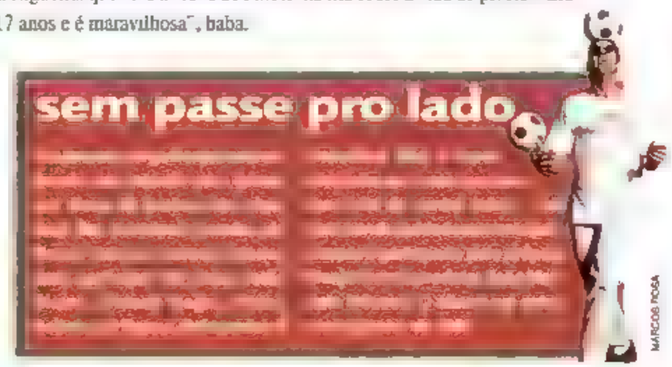
0 a 2 acertos – CHUMBINHO – Atenção, desligadinha: Axl e axé são coisas diferentes. Mas o Netinho até que é fofinho, né não?

Respostas: 1-d • 2-a • 3-a • 4-a • 5-a • 6-c • 7-d • 8-a • 9-a • 10-a

apaixonado pela piveta

ARMANDO GONÇALVES

Aos 47 anos, o "caçula dos avós" (seu neto Tomás acaba de nascer), Djavan está cheio de energia. Lançando o novo disco *Malásia*, no qual também faz os arranjos, ele anda louco para criar trilhas para filmes. Recentemente, compôs a música "Não deu", para *Quem Matou Pixote*, mas quer mais. Djavan é apaixonado pela telona. "Adoro Fellini, Scorsese, Coppola." Atores preferidos? "Julia Roberts, Meryl Streep, Robert De Niro, Fernanda Montenegro... Eles são lindos!!!" Mas o vovô-garoto se encantou mesmo pela a atriz Lilian Rigueira, que vive a viúva de Pixote na fita sobre a vida do pivete. "Ela tem 17 anos e é maravilhosa", baba.



MARCOS ROSA

PARADA DE VERÃO

Compare as listas de sons que Samuel, do Skank, e a leitora Camila Conte (Santo André, SP) fizeram pra você ouvir na praia

Samuel Rosa, vocalista do Skank

1 "Nine Out Of Ten" Caetano Veloso (*Transa*)
2 "Amor" Secos & Molhados (*Secos & Molhados*)
3 "Estare Humano Est" Jorge Ben (*Tabua de Esmeralda*)
4 "Perdidos Na Selva" Gangue 90 (*MPB Festival de Música*)
5 "Noite Do Prazer" Brylho (*Brylho*)
6 "Mesma Veneno" Ritchie (*Vida de Coração*)
7 "Envelheço Na Cidade" Ira! (*Vivendo e Não Aprendendo*)
8 "Bichos Escrotos" - Titãs (*Cabeça Dinossauro*)
9 "Será Que Vai Chover?" Paratamas do Sucesso (*D*)
10 "Bozo Rio" - Ed Motta & Conexão Japeri (*Ed Motta & Conexão Japeri*)
11 (maior aposta de Samuel) "Lei Da Sobrevivência" O Rappa (*Rappa Mundi*)

Camila Conte - Santo André, SP

1 "Guentando A Ora" Planeta Hemp (*Guentando a Ora*)
2 "Pescador De Ilusões" O Rappa (*Rappa Mundi*)
3 "Tá Querendo Desquitar" Raimundos (*Lavo Tá Novo*)
4 "Tão Seu" - Skank (*O Samba Poconé*)
5 "Firmamento" - Cidade Negra (*O Erê*)
6 "Me Espera Um Pouco" - Little Quail (*A Primeira Vez Que Você Me Beijou*)
7 "She" - Green Day (*Dookie*)
8 "Mantenha O Respeito" - Planet Hemp (*Planet Hemp*)
9 "Dancin' Days" Luiz Santos (*Anti Coclaine Tropical*)
10 "Sobre O Tempo" Pato Fu (*Gol de Quem?*)

rock around the interNET

por Claudia Grechi

• "A música rock veio mudar as tradicionais músicas dos homens de negócios para uma música mais livre e sem preconceitos. A música rock reflete um comportamento erótico para alguns destrutivo, mas na minha opinião é apenas um meio de desabar as estruturas." Este trecho de uma redação escrita por Cazuza aos 13 anos, mais poemas, canções, fotos, discografia e biografia do ídolo estão na badaladíssima home page do cantor (www.cazuza.com.br). A obra completa de Caju pode ser acessada na seção "Escravo de Nenhuma Palavra". São 173 textos, incluindo 17 canções inéditas, entre elas parcerias com Rita Lee e Lobão. Acesse e faça parte do livro de visitas mandando mensagens para os usuários.

Cazuza ganha site de luxo

• Bono Vox anda viajando demais. E a galera da U2 Home Page (http:www.conex.com.br/u2brasil), ligadaça em todos os passos da banda, informa: as novíssimas e inéditas "Discotheque" e "Wake Up Dead Man", que estarão no próximo disco do grupo, já circulam na rede, inclusive com trechos de letras. Fotos do U2 no estúdio com o novo visual, também podem ser encontradas através da page brasileira. Notícias sobre a vinda do grupo ao Brasil e a data certa do lançamento do novo álbum ainda são imprecisas, mas é possível que sejam confirmadas a qualquer momento. Dúvida? E-mail neles! O endereço é u2brasil@conex.com.br

+Bizzes

Posies: rock melódico em Seattle

sem pose GRUNGE

"Quando ouvi 'Smells Like Teen Spirit' pela primeira vez, achei que era Pixies, mas lembrei na hora de Cheap Trick", recorda Ken Stringfellow, falando à SHOWBIZZ, lá de Seattle. Sua banda, The Posies, tem pouco a ver com o grunge local, mas está ligada às conexões pop da revolução Nirvana: no álbum *Amazing Disgrace*, contou com participações de Rick Nielsen e Robin Zander, do Cheap Trick, grupo dos anos 70 cujas guitarras faziam a cabeça de Kurt Cobain.

Em oito anos de carreira, Ken (vocal e guitarra) e seus colegas firmaram-se como bastiões do rock melódico de Seattle. E, honra suprema, foram chamados para reforçar o legendário Big Star de Alex Chilton em 1991, no show registrado no CD *Live At Columbia University*. "Jody Stephens, baterista do Big Star, gostava da gente. E eu e Jon (*Auer, o outro vocalista e guitarrista dos Posies*) sempre fomos loucos por Chilton", baba Ken, lembrando a ocasião.

Outra banda irmã dos Posies é o Teenage Fanclub, que também já teve Ken e Jon como integrantes em alguns shows. "Posies e Teenage fizeram um tour juntos pela Europa e, como Norman (*do Teenage*) ficou doente, a gente entrou para completar", conta Ken. Os Posies ainda tocam para platéias de 2 mil pessoas, mas não se preocupam com o sucesso.

Sandra de Sá e o baixista Nathan East

SANDRÃO é POP

Sandra de Sá aderiu ao visual loirinha bombril, abandonou as babas dos Sullivan e Massadas da vida e agora lança *A Lua Sabe Que Sou Eu* com músicas de Tanika Tikaram, Herbert Vianna, Julio Barroso e Carlinhos Brown. Sandrão está que tá: "Andava a fim de mudar e se é para fazer algo diferente, eu radicalizo logo", avisa na lata, com seu conhecido jeitão moleque. E explica porque resolveu ficar tão pop. "Gravar Herbert Vianna é um velho desejo. O Júlio, putz, penso desde a época do Cazuza e o Brown, a gente se encontrava sempre em Salvador e combinávamos fazer algo juntos. Liguei e Brown cantou um trecho no telefone. Fiquei louca e nem quis ouvir o resto. Dele, cara, gravo tudo que puder", diz, abusando do carioquês. Falou e disse, mer'mão! (Paulo Reis)

Galera boa de PAPO

O Rappa: enfim uma banda de reggae com muito a dizer

Cariocas da Baixada como os brothers do Cidade Negra e militantes ativos da família Hemp, liderada pelos amigos do Planet, a rapeize do Rappa, além de boa de reggae, é craque na lábia. Diz que não está tão próxima da Jamaica quanto o primeiro disco, *O Rappa* (mixado em Londres por Dennis Bovell, um dos papas do dub) fazia crer. "A temática social realmente nos aproxima do reggae, mas musicalmente esta não é a nossa principal vertente. Nós somos pop, gostamos de misturar", explica o letrista e baterista Marcelo Yuka. Agora, com o segundo disco, *Rappa Mundi*, chegando às lojas, o grupo prova o que fala. E como fala. Entre elucubrações sobre política, racismo e o escambau, sobra tempo para dizer como foi ser produzido por Liminha. "No início estávamos um pouco temerosos, mas depois ficamos super à vontade. Ele sabe usar o estúdio como instrumento", revela Yuka. O tecladista Marcelo Lobato completa: "Chegamos no estúdio com trinta músicas, o Liminha pediu mais cinco e aí escolhemos treze." E afinal, o que é o novo álbum? "Neste trabalho tem ragga, guitarras distorcidas, jungle e levadas de baixo que remetem ao reggae. Nós somos o Rappa... Este é o único rótulo que aceitamos", pronuncia Yuka, sem fugir do clichê. "O que mais unifica as novas bandas brasileiras é a questão social. Não no sentido panfletário, no sentido de que nós queremos ter voz ativa. Chico Science, mundo livre, Planet Hemp, a gente não tem medo de assumir as influências da MPB. Estamos vivendo uma nova Tropicália, uma nova semana de 22...", exagera. Mas um novo diálogo, sem dúvida está começando.

(De cima para baixo) O tecladista Marcelo Lobato, o guitarrista Xandão, o vocalista Falcão, o baterista Marcelo Yuka e o baixista Lauro Farias (irmão de Bino, do Cidade Negra): "Fazemos a cabeça da rapaziada"

APRENDA MÚSICA SEM SAIR DE CASA

CÓD. 0596 / CÓD. 0594 / CÓD. 0595

CÓD. 0593

CÓD. 0590

CÓD. 0591

CÓD. 0588

CÓD. 0589

CÓD. 0587

CÓD. 0592

CÓD. 0586

Os melhores mestres em todas as "praias", ensinam o que você precisa saber para iniciar ou aprimorar o seu som. E só assistir, tocar e curtir!

QUALQUER DESTAS VÍDEO-AULAS POR APENAS R$ 39,00

LIGUE JÁ! LIGUE JÁ! LIGUE JÁ! TEL: (011) 263-1522

MPO VIDEO

http://www.mpo.com.br

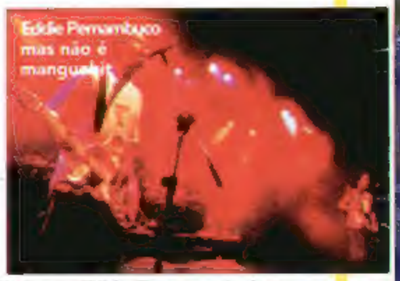
demo cracia

Mande demos para: *Democracia* - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

Pode apostar!!!

Esta é a última vez que você lê o nome da banda Catapulta nesta seção. Depois de lançar uma demo porreta, os baianos Moisés (vocal e letras), Kiêta (guitarra) e Baé (baixo), além dos convidados Ari (bateria) e Arijo (percussão), conseguiram um contrato com o selo paulista Discos Original e lançam seu primeiro disco no começo do ano que vem. Fagocitando Jimi Hendrix, Bezerra da Silva, gangsta-rap, MPB e música de capoeira, o Catapulta investe numa linguagem própria e tem um enorme potencial. Em português claro: os caras são bons mesmo. As letras também são duca. Um trecho de "Nêgo Dão" diz: "Samba de roda p'acabá a desconjuntura / Radicore e rapadura pá cabeça banguiá/ Quero ver pandeiro dando/ Pá guitarra vomitá." Moisés explica: "Temos um linguajar baiano cheio de palavras cortadas ao meio. Misturamos isso com nossas influências", diz. O disco, já gravado, foi produzido por – tinha de ser – Carlos Eduardo Miranda e inclui, em versões pesadas, as regravações de "Escrava Isaura" e "Retirantes", de Dorival Caymmi.

Eddie Olinda



Precursor da cena roqueira do Recife, o Eddie existe desde 1989 e é considerado um dos grupos mais importantes de Pernambuco. Longe do manguebit, a banda faz um belo mix de hardcore, ritmos regionais, reggae e rock. Formado em Olinda por Fábio Trummer (guitarra e vocal), Roger Man (baixo), Karina Burh (percussão), Fred Eremita (percussão e voz) e Bernardo Choppinho (bateria), o grupo é influenciado por Stooges, Ramones e Pixies e está com duas músicas na preciosa coletânea *Brasil Compacto*. "Já amadurecemos o repertório, temos mais de 40 músicas prontas. Chegou a hora de lançar um disco!", diz Fábio. Contatos: (081) 341-4947.

Zé papa Valda

A quinta edição do Festivalda carioca deu vitória à música brasileira. Ebeia de tempero nacional, "Coxas Da Nação", de Zé de Fato, vai estar ao lado de outras faixas da banda interessante num CD da Coquimelo. O disco teve também Unduo e Saga, segundo e terceiro lugares na categoria Música Inédita. Entre os covers, a Zé De Fato tirou segundo lugar, interpretando "Sorvete", de Tim Maia. "Na banda e no Brasil, todo mundo é Zé, brasileiro, de fato e por direito", explica o guitarrista e vocalista Barock, 19 anos. Com baixo, bateria, outra guitarra, meia de metais e duas vocalistas, a banda faturou ainda bolsas de estudo na Musiarte e a produção de um videoclipe para "Coxas Da Nação".

Na fumaça do PLANET HEMP

B-Negão, parceiro de Marcelo D2 nos vocais do disco de estréia do Planet Hemp, deixou o grupo. Ele quer se dedicar integralmente a sua banda The Funk Fuckers. "Estava difícil de conciliar os dois trabalhos e preferi dar um gás no Funk." Com uma demo pronta, a banda está prestes a assinar com a EMI- Music, por onde já gravaram três músicas incluídas na coletânea *Paredão*. "Queremos lançar o CD, junto com o do Planet, em março de 97", sonha B-Negão, que deixou o PH, sem traumas.

John Boy leva o SKOL ROCK

"Boa Noite, John Boy! Boa Noite, Mary Ellen! Vai se fudê, Mary Ellen!/ A vida na fazenda é sempre igual/ Muita paz, tranqüilidade, roupa suja no varal/ Acontece que John Boy só comia Elizabeth/ Sonhava com cheesburger", diz um trecho da hilária "A Verdadeira História De John Boy", dos gaúchos do Aqua-Play. Eles foram os grandes vencedores do festival Skol Rock. Além de um bom rock básico, as letras impagáveis garantiram a participação da banda de Erechim (interior do Rio Grande do Sul) num CD que será lançado pela WEA Music e num videoclip. Os outros finalistas, Severinos Atômicos (Recife), Rarabichuebas (Brasília), Kolapso 77 (São Paulo), Funeral (Araraquara), Eminence (Belo Horizonte) e Jynxs (Rio de Janeiro) também participarão do disco.

Jawaian; deliciosa mistura da música havaiana com o reggae jamaicano, MAACHO

As raízes da Jamaica em gravações originais do Rei do Reggae, BOB MARLEY.

Gravações ao vivo com a participação de Armandinho, A COR DO SOM

Todo o talento em um disco instrumental brasileirissimo, ARMANDINHO

Quentes como o verão!

Rock puro com uma musicalidade densa e apaixonante, WISHBONE.

Músicas inéditas de Alan Austin e sua banda numa deliciosa sequência de country, AUSTIN RANGERS

Para quem não consegue ficar parado, DJ JUMP

Os grandes sucessos das discotecas dos anos 70 estão de volta, QUEEN SAMANTHA.

MOVIE PLAY

Qualidade em Música de Qualidade

Tel.: 0(11) 3115-6833
Fax: 0(11) 3115-0433

"Foi uma tremenda estréia solo. Ao mesmo tempo que agradou bastante, surpreendeu por Clapton não ter esmerilhado tanto. Ele está mais contido, focalizando nos grooves e nas composições"
(Fernando Magalhães, guitarrista)

RUI MENDES

ERIC CLAPTON

Eric Clapton

O guitarrista Eric Clapton fechou o ano de 1969 cercado de amigos que o convenciam a gravar seu próprio disco. Entre eles estava Delaney Bramlett, líder – ao lado da esposa Bonnie – do grupo mambembe descoberto por Clapton meses antes, quando Delaney & Bonnie abriram os shows da única turnê realizada pelo Blind Faith – grupo que Clapton formara com Steve Winwood (teclados) e Ginger Baker (bateria), após o fim do lendário Cream.

Delaney & Bonnie tinham sido levados por Eric à Europa para uma turnê promocional. Foi naquele instante que Eric Clapton decidiu gravar seu primeiro álbum solo, ao lados dos últimos companheiros e produzido por Delaney. A banda de Delaney & Bonnie – integrada por, entre outros, Bobby Keys (saxofone, Rolling Stones) e a cantora Rita Coolidge – ainda ganhou os adornos de Stephen Stills, Leon Russell e dois ex-Crickets (banda de Buddy Holly) na gravação das bases do disco.

O deus da guitarra debuta num álbum solo que prima pelo elenco de feras e uma parceria de talento

Eric Clapton, o álbum, abre com uma *jam* instrumental oriunda das primeiras sessões e cai em seguida em "Bad Boy" e "Lonesome And A Long Way From Home", ambas de Delaney – a primeira com Clapton, a segunda com Leon Russell –, antes de chegar a "After Midnight", composta por um desconhecido de Tulsa – o hoje reconhecido J.J. Cale. "Easy Now" levanta a bola para "Blues Power", o segundo grande sucesso do disco. É uma música que, segundo o guitarrista, tem tudo a ver com sua realidade naquela época. "Bottle Of Red Wine", feita na pressão quando Clapton e seu produtor notaram que o repertório estava curto, é apenas uma balada, enquanto "Lovin' You Lovin' Me" tem história: fora feita para que o Blind Faith a gravasse em seu segundo disco, que não acabou rolando.

Bramlett revelou-se como compositor de referência. Ele trouxe para o repertório algumas parcerias. "Don't Know Why", uma das primeiras músicas compostas por Clapton e Delaney para o álbum, mesmo assim acabou não passando de uma balada preparatória para o *grand finale* do disco: "Let It Rain", uma quase-sobra originalmente conhecida como "She Rides" que, ao ganhar nova letra, tornou-se um dos clássicos do guitarrista.

Muita gente ficou enfurecida quando Clapton escolheu Delaney Bramlett como parceiro. Mas o tempo mostrou que ali havia algo especial. Da banda de apoio, nasceu o projeto seguinte de Clapton – Derek & The Dominos – e também um bom número de músicos que se revelariam em discos lançados por gente como Leon Russell e Joe Cocker, no início dos anos 70. *Marcelo Froés*

Performance

Lançamento: 1970
Produção: Delaney Bramlett
Faixas: "Slunky" • "Bad Boy" • "Lonesome And A Long Way From Home" • "After Midnight" • "Easy Now" • "Blues Power" • "Bottle Of Red Wine" • "Lovin' You Lovin' Me" • "Told You For The Last Time" • "Don't Know Why" • "Let It Rain".

Eric Clapton foi gravado no Village Recorders de Los Angeles, em janeiro de 1970. Findas as sessões, Clapton seguiu para Nova York e deixou a mixagem a cargo do produtor. Delaney desejava mixar uma das faixas com Clapton e resolveu esperá-lo. Por uma falha de comunicação, o empresário ficou impaciente, pediu à gravadora que levasse as matrizes para Londres e o próprio Eric mixou o disco. A gravadora ouviu, não gostou e encarregou Tom Dowd de remixar. Existem, portanto, três versões do disco, sendo que a de Delaney Bramlett circula no mercado pirata. Uma mixagem alternativa de "After Midnight" saiu na antológica caixa *Crossroads*, de 1988, juntamente com uma versão atualizada da música, gravada especialmente para um comercial de cerveja. A versão remasterizada do álbum foi lançada no final de 1996.

Tão suave que você
pode beber puro.
Diferente de tudo que
você já conhece.

Surpreendente.

YANKEE
STREET
Sua hora, seu estilo.

Agora com pulseira de metal.

Atlis.